



INSTITUTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM TEATRO  
FLORÊNCIO VALAMIRA FERNANDES NETO

**JOGOS TEATRAIS E CANTIGAS DE RODA COMO LINGUAGENS ARTÍSTICAS  
NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I SIQUEIRA DE  
MENEZES**

Sena Madureira – AC  
2012

FLORÊNCIO VALAMIRA FERNANDES NETO

**JOGOS TEATRAIS E CANTIGAS DE RODA COMO LINGUAGENS ARTÍSTICAS  
NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I SIQUEIRA DE  
MENEZES**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
DE ARTES CÊNICAS, HABILITAÇÃO EM  
TEATRO DO DEPARTAMENTO DE  
ARTES CÊNICAS DO INSTITUTO DE  
ARTES DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA.

ORIENTADORA: SULIAN VIEIRA  
PACHECO

SENA MADUREIRA – ACRE

2012

FLORÊNCIO VALAMIRA FERNANDES NETO

**JOGOS TEATRAIS E CANTIGAS DE RODA COMO LINGUAGENS ARTÍSTICAS  
NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL I SIQUEIRA DE  
MENEZES**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a 7,0-MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Sulian Vieira Pacheco.

Sena Madureira-AC, 04 de dezembro de 2012.



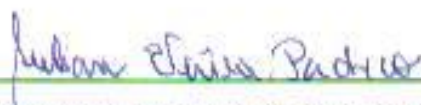
---

**Professora Mestre Rosimeire Gonçalves dos Santos**



---

**Professor Mestre Dhenise de Almeida Galvão**



---

**Professora Mestre Sulian Vieira Pacheco**

*A meus pais **Milton Paulo Fernandes** (in memórium) e  
**Gercina Martins da Silveira Fernandes** que sempre  
Batalharam para que eu fosse uma pessoa que buscasse  
Crescer enquanto profissional, porém, me ensinaram  
A ter valores como: respeito, dedicação, amor ao próximo  
E principalmente compromisso com meus ideais de vida.*

*A minha esposa e amiga **Sonja Priscilla** e a meus filhos  
**João Paulo e Maria Isabel**, que souberam compreender  
Minhas ausências em vários momentos de nossas vidas e,  
Que tanto contribuíram para que eu concluísse este trabalho.*

*Dedico*

## AGRADECIMENTOS

- ❖ Ao nosso Pai Criador, **Deus** de infinita misericórdia, que me ofereceu saúde e disposição na caminhada e que me ajudou a carregar minha cruz nos momentos difíceis que enfrentei. Conduzindo-me sempre a agir com sabedoria na minha caminhada terrena.
- ❖ A meus irmãos: **José Hamilton, Gercineide, Grace, Gleide e Jefferson** pelo incentivo a busca de novos conhecimentos e por acreditarem em meu potencial acadêmico.
- ❖ A todos meus amigos, pelo apoio e momentos de alegrias e tristezas vivenciados juntos. Especialmente, a minha irmã em Cristo **Maria Brandão**, pelo companheirismo e amizade.
- ❖ A **Universidade de Brasília** que possui o compromisso de oportunizar conhecimento as mais longínquas regiões de nosso país.
- ❖ Ao **Governo do Estado do Acre** que acreditou neste projeto e, assim, possibilitou à várias pessoas se qualificarem para o mercado de trabalho.
- ❖ A minha orientadora **Sulian Vieira Pacheco** e a tutora **Angélica Beatriz de Souza** que, com muita maestria souberam conduzir-me a desenvolver este trabalho.
- ❖ Aos **profissionais** que trabalham no Centro de Educação Permanente de Sena Madureira – CEDUPE que sempre estiveram à disposição para me auxiliar nos momentos necessários.
- ❖ A Equipe Gestora da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, nas pessoas das senhoras **Márcia Débora** e **Wanda Motta** que me acolheram com muito carinho e que possibilitou que eu aplicasse as oficinas planejadas para a elaboração de meu trabalho de conclusão de curso.
- ❖ As professoras **Maria do Socorro Henrique de Souza** e **Edicilda Brito de Alencar** que souberam compreender a importância do direcionamento do trabalho que necessitava realizar com sua turma e me acolheram com muita atenção e respeito.
- ❖ Aos **educandos do 5º Ano “A”**, que quando convidados a participar deste trabalho, souberam compreender a dinâmica das linguagens artísticas planejadas para ser aplicadas nesta pesquisa.

*A oficina de jogos teatrais oferece  
Aos alunos a oportunidade de exercer  
Sua liberdade, respeito pelo outro  
E responsabilidade dentro da  
Comunidade da sala de aula.*

***Viola Spolin***

## RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar a importância das linguagens artísticas – Jogos Teatrais e Cantigas de Roda – como forma de proporcionar aos educandos uma maior integração entre os membros de um grupo, ou seja, busquei oferecer uma nova proposta de se trabalhar a disciplina de Artes. Pois, acredito no potencial que o ser humano possui na arte de representar, porém, é um universo pouco trabalhado no meio escolar. Sendo assim, procurei oportunizar a turma do 5º Ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, através das cinco oficinas que apliquei com a turma selecionada, as quais tiveram duração de duas horas cada, o contato com os jogos teatrais e as cantigas de roda, com foco no fazer teatral. Tive como embasamento teórico o diálogo com autores como: Viola Spolin, Ricardo Japiassu, Ingrid Koudela, Sandra Chacra entre outros. Com isso, apresentar uma nova maneira de observar e valorizar o trabalho que a disciplina de Teatro pode realizar. A partir do momento que o educador dispõe de conhecimentos práticos de como desenvolver aulas que proporcione aos educandos ampliarem seus conhecimentos, e ao mesmo tempo, sejam prazerosas, dinâmicas e significativas. Dessa forma, possibilitar aos educandos aplicarem os conhecimentos adquiridos através das aulas em seu cotidiano.

**Palavras-chave:** Jogos teatrais; Cantigas de roda; Interatividade; Liberdade; Comunicação;

## ABSTRACT

This paper aims to present the importance of artistic languages - Games and Songs from Roda Theatre - as a way to give students a greater integration among the members of a group, or sought to offer a new proposal to work with the discipline of Arts. Well, I believe in the potential that human beings possess the art of acting, however, is a little universe worked in the middle school. So, I tried to nurture the class of 5th Year "A" Municipal Elementary School Elementary Siqueira de Menezes, through five workshops that applied to the selected class, which lasted two hours each, contact the games theatrical and rhymes, with a focus on theater making. I like theoretical dialogue with authors such as: Viola Spolin, Ricardo Japiassu, Ingrid Koudela, Sandra Chakra among others. Thus, presenting a new way to observe and appreciate the work that the discipline of theater can accomplish. From the moment that the educator has practical knowledge of how to develop lessons that will provide students broaden their knowledge, and at the same time, be pleasant, dynamic and meaningful. Thus, enabling students to apply the knowledge acquired through classes in their daily lives.

Keywords: theater games; Cantigas wheel; Interactivity; Freedom; Communication;



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
1 - CAPÍTULO I.....	13
1.1 – JOGOS TEATRAIS E AS CANTIGAS DE RODA COMO LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ESCOLA .....	13
1.1.2 – Aspectos Metodológicos .....	13
1.1.3 – Dados da Instituição .....	17
1.1.4 – Aspectos Conceituais .....	19
1.1.5 - O Fazer Teatral e Experiência de Vida: um breve relato pessoal.....	23
2 - CAPÍTULO II.....	26
2.1- RESULTADO DAS OFICINAS DESENVOLVIDAS COM OS EDUCANDOS MATRICULADOS NO 5º "A" DA ESCOLA SELECIONADA.....	26
3 - CONCLUSÃO .....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	48
ANEXOS.....	50
ANEXO A – Planos das Oficinas; Detalhamento do Plano das Oficinas; Questionário das Professoras; Questionário dos Educandos;.....	I
ANEXO B – Relatório das Oficinas Aplicadas com a turma do 5º Ano “A”.....	XXVII
ANEXO C – Autorização dos Pais ou Responsáveis pela divulgação de imagens e depoimentos. ....	XXXVIII
ANEXO D – Evidências das Oficinas.....	XXXIX

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico visa apresentar a intervenção realizada com os educandos matriculados no 5º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, por acreditar na capacidade inerente que o ser humano possui na arte de representar, pois, como nos apresenta Ingrid Koudela “a imaginação dramática está no centro da criatividade humana e, assim sendo, deve estar no centro de qualquer forma de educação” (2011, p. 27 – 28). As várias leituras realizadas para que eu desenvolvesse este trabalho, encontrei suporte teórico em Sandra Chacra, em seu livro “Natureza e sentido da improvisação teatral”, onde relata que: “há um impulso que é inerentemente parte da personalidade e do comportamento do homem: é o impulso de dramatização. Pode-se observá-lo tanto no nível ficcional, isto é, do ‘faz-de-conta’, como no próprio processo do viver” (2010, p.49). Porém, é um universo pouco trabalhado no meio escolar, pois, percebi durante as disciplinas dos meus estágios, vivenciadas nas duas escolas, sendo: os estágios de observação e a prática, que pouco se fazia no tocante as atividades focadas nas Artes Cênicas - Teatro. E, como no decorrer de todo o meu percurso no âmbito do espaço acadêmico da Universidade de Brasília, fui conduzido a descobrir o quanto a disciplina de Arte / Teatro faz-se necessária ser desenvolvida com dinamismo e qualidade em nossas escolas.

O motivo primordial que me conduziu a desenvolver um trabalho monográfico que abordou os Jogos Teatrais e Cantigas de Roda como linguagens artísticas, foi devido às experiências que pude vivenciar nas disciplinas de Estágios Supervisionado em Teatro, pois, me foi possibilitado ter o contato direto com as crianças que estudam este nível de ensino.

Acredito que esse trabalho buscou oportunizar aos educandos dos anos iniciais o contato direto com os jogos teatrais e as cantigas de roda, tendo em vista que nas observações que realizei nesta escola, os jogos teatrais praticamente não existem e, as cantigas de roda são utilizadas apenas como texto de fácil memorização, fazendo com que os educandos dos 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I tenham familiaridade com o texto, com isso, desenvolver mais rapidamente o conhecimento das letras do alfabeto, dessa forma, sejam alfabetizados com mais facilidade. Nos demais anos de estudo, este gênero textual praticamente é deixado de lado. Com isso, este trabalho pretendeu conduzir os educandos do 5º ano “A” relembrar os momentos em que foram trabalhados os jogos e as cantigas, pois, sabemos que devemos

considerar as experiências trazidas pelas crianças no tocante as “suas vivências relacionadas com as tradições populares, nada mais lógico do que inserir essas tradições como elementos que integre de forma consciente os processos escolares” (ABREU, 2010, s.n.p.). Dessa forma penso que com os jogos e as cantigas que foram desenvolvidos com os educandos, eles desenvolveram saberes acerca da importância do trabalho coletivo, através dos jogos teatrais e das cantigas de roda que foram aplicados. Para tanto, elencamos os seguintes objetivos para esse trabalho, os quais são apresentados a seguir.

Este trabalho monográfico tem como objetivo geral, realizar oficinas estruturadas a partir de jogos teatrais e de cantigas de roda com a turma do 5º ano “A” da Escola I Siqueira de Menezes, a fim de aprimorar o contato desta turma com tais linguagens artísticas.

No tocante aos objetivos específicos, este trabalho se propõe a coletar os jogos teatrais e as cantigas de roda que foram e ainda são utilizadas na escola Siqueira de Menezes, localizado no município de Sena Madureira – Acre, através de entrevista realizada com a coordenadora pedagógica da escola; Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda que ainda não foram trabalhados junto à referida turma, a fim de proporcionar novas experiências aos educandos nestas linguagens; Realizar jogos teatrais e cantigas de roda que possam promover o desenvolvimento da criatividade e da concentração, com o propósito de colaborar para o desempenho acadêmico da turma de um modo geral; Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda como formas que possibilitem os educandos a compartilharem descobertas, sentimentos e ideias, com o intuito de promover a cooperação e a comunicação entre os educandos; Estimular os educandos a observarem, apreciarem e analisarem os trabalhos desenvolvidos por todos os colegas, a fim de encorajá-los a terem uma relação atenciosa e crítica com relação ao grupo ou ao seu próprio meio social.

A metodologia utilizada com os educandos matriculados no 5º ano “A” da Escola Siqueira de Menezes propôs oferecer a eles espaços para que desenvolvessem e contribuíssem com seu poder de improvisação a partir dos jogos teatrais e das cantigas de roda desenvolvidas no espaço escolar. Sendo assim, o trabalho que desenvolvi busquei fazer um resgate dos jogos teatrais e das cantigas de roda, com isso eles foram conduzidos a se envolverem nos jogos trabalhados, como também, nas cantigas de roda de acordo com as letras de cada uma das cantigas. Desta forma, os educandos deram vida cênica aos jogos e as cantigas de roda. Pois, acreditava que com este trabalho os mesmos seriam lapidados e estimulados a desempenharem com mais qualidade as atividades de grupo que foram desenvolvidos na sala de aula. Haja vista que os jogos teatrais, como também as cantigas de

roda trabalhavam de forma significativa a linguagem oral e a linguagem corporal, estimulando cada vez mais os participantes a melhorarem a ação do grupo.

Dessa forma, os jogadores precisavam estar livres para interagir e experimentarem as oportunidades oferecidas pelos jogos teatrais, como também, pelas cantigas de roda. Sendo assim, os educandos desenvolveriam seu potencial de atuação no meio em que vivem como também, poderiam aceitar as responsabilidades para comunicar-se, ficar envolvidos com as atividades propostas e desenvolver relacionamentos e cenas teatralmente valiosas, a partir do momento que lhes era dada a liberdade de realizá-las. As quais penso, que sejam os momentos em que os educandos estejam envolvidos com a proposta dos jogos teatrais e das cantigas de roda, assim, apresentando para os colegas as ações sugeridas pelas linguagens artísticas. Pois, quando os educandos estivessem focados nos jogos, os mesmos seriam capazes de transformar objetos ou recriá-los, pois, o intuitivo só poderia ser sentido no momento da espontaneidade, ou seja, da improvisação.

Desenvolvi este trabalho em dois capítulos. O primeiro capítulo referiu-se às contribuições que os jogos teatrais e as cantigas de roda, quando utilizados como linguagens artísticas podem contribuir para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos educandos. Assim como, a visão de alguns autores que defendem a utilização dos jogos e das cantigas no universo escolar. Tais como, a arte-educadora Viola Spolin, Ingrid Dormien Koudela, Ricardo Japiassu, Marielise Ferreira, entre outros.

Já no segundo capítulo apresentei o resultado das oficinas desenvolvidas com os educandos matriculados no 5º ano “A” da escola selecionada, onde relatei a visão sobre a participação das crianças nos jogos teatrais e nas cantigas de roda desenvolvidas no espaço escolar, como também, o pensamento delas sobre o trabalho desenvolvido. Tendo em vista que após cada oficina realizada, fazíamos uma avaliação do trabalho desenvolvido naquele dia, como também através dos protocolos que eram apresentados no início de cada oficina. Pois assim, acreditava que conseguiria apresentar com este trabalho a importância da utilização dos jogos teatrais e das cantigas de roda como ferramentas educacionais necessárias no espaço escolar.

Este trabalho se propôs a responder alguns questionamentos, tais como: 1. De que forma os jogos teatrais e as cantigas de roda eram trabalhados na Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes? 2. Qual a visão dos professores com relação à disciplina de Artes, em especial no campo teatral? 3. Quais os resultados alcançados com o desenvolvimento deste trabalho realizado com os educandos do 5º ano “A” da Escola

Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes? Qual o pensamento de alguns escritores com relação ao trabalho realizado com jogos teatrais e as cantigas de roda?

Destarte, acredito que após a realização deste trabalho monográfico, poderei confirmar ou refutar a utilização dos jogos teatrais e das cantigas de roda como linguagens artísticas no universo escolar. Vislumbro que elas possam contribuir com a dinâmica do aprendizado acadêmico, possibilitando assim, uma maior integração entre os membros do grupo. E, assim, ajudando os educandos a exercerem sua cidadania, construindo neles um agente transformador do meio em que vive.

## **1 - CAPÍTULO I**

### **1.1 – JOGOS TEATRAIS E AS CANTIGAS DE RODA COMO LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ESCOLA**

#### **1.1.2 – Aspectos Metodológicos**

A metodologia que utilizei com os educandos do 5º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes ofereceu-lhes um ambiente favorável para que eles desenvolvessem e contribuíssem com seu poder de improvisação no momento em que estivesse aplicando as oficinas, as quais envolveriam as linguagens artísticas: jogos teatrais e cantigas de roda desenvolvidas no espaço escolar.

Este trabalho tinha como objetivo realizar oficinas com a turma selecionada, vislumbrando que os educandos melhorassem seu relacionamento interpessoal. Dessa forma, apliquei alguns jogos teatrais e algumas cantigas de roda, com a intenção de estimulá-los a apreciarem e analisarem trabalhos desenvolvidos por outro grupo. Para tanto a turma foi dividida em dois grupos, com isso, oportunizei aos educandos a serem observados e a observarem. Tendo em vista que todos os jogos e as cantigas aplicadas com a turma realizei a divisão de grupos, com o propósito de facilitar o desenvolvimento do trabalho.

Sendo assim, apliquei nas oficinas os jogos teatrais: Jogo da Bola; Construindo uma história; Espelho – Meu; Escravo de Jó; Boca – de – forno e Engrenagem viva. Os quais foram retirados do Fichário de Viola Spolin, intitulado “Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin” e do Livro “Metodologia do ensino de teatro” do autor Ricardo Japiassu. No tocante as cantigas que trabalhei nas oficinas foram: A canoa virou; Pai Francisco; Mestre André e Carneirinho, Carneirão. Estas cantigas estão presentes nos livros “A Hora da Escola: jogos e atividades pedagógicas para aprender brincando” e, “Alfabetização: livro do aluno”, da escritora Ana Rosa Abreu... [et ali]. Pois, no levantamento que realizei junto aos educadores, eles não tinham trabalhado esses jogos e cantigas. Percebi, ainda, que a escola Siqueira de Menezes não fazia uso das artes cênicas com essas linguagens artísticas.

Com isso, os educandos foram conduzidos a se envolverem nos jogos teatrais trabalhados, como também, nas cantigas de roda de acordo com as letras de cada uma das

cantigas. Dessa forma, os educandos deram vida cênica às cantigas de roda. Pois, acreditava que com este trabalho os educandos estavam sendo lapidados e estimulados a desempenharem com mais qualidade os jogos e as cantigas trabalhos nas oficinas.

Dessa maneira, os jogadores precisavam estar livres para interagir e experimentar as oportunidades oferecidas pelos jogos teatrais, como também, pelas cantigas de roda. Assim, eles poderiam desenvolver seu potencial de atuação no meio em que vivem como também, poderiam aceitar as responsabilidades para comunicarem-se, envolverem-se com as atividades propostas a partir do momento que lhes fosse oferecido a liberdade para fazê-lo.

Aproveitando o pensamento de Viola Spolin sobre a liberdade, ela ressalta que:

Uma criança só poderá trazer uma contribuição honesta e excitante para sala de aula, por meio da oficina de teatro, quando lhe damos liberdade pessoal. O jogador precisa estar livre para interagir e experimentar seu ambiente social e físico. Jovens atuantes podem aceitar responsabilidades para comunicar-se, ficar envolvidos, desenvolver relacionamentos e cenas teatralmente válidas apenas quando lhes é dada a liberdade para fazê-los (SPOLIN, 2010, p. 31).

Acredito que a liberdade seja um dos nossos maiores bens, assim, como nos apresenta de forma clara a escritora Viola Spolin sobre este tema. Percebia que no momento em que estava conduzindo as oficinas, os educandos reconheciam que, apesar de estarem em grupos, eles possuíam a liberdade para interagir e experimentar novas experiências com os colegas. Dessa forma eles se entregavam ao prazer proporcionado pelas linguagens artísticas.

Assim, quando os alunos estavam focados nos jogos, eram capazes de transformar objetos ou recriá-los, pois, o intuitivo só poderia ser sentido no momento da espontaneidade, ou seja, da improvisação. Pois, como bem ressalta Sandra Chacra em seu livro “Natureza e Sentido da Improvisação Teatral”, quando fala que:

A improvisação tem uma história longa, tão antiga como o homem. Ela vem desde as épocas primitivas, perdurando como manifestação até o presente. Todas as formas de arte tiveram uma de suas origens na improvisação. O canto, a dança e os rituais primitivos assumiram formas dramáticas num jogo em que um dos pólos é a atualidade improvisada (CHACRA, 2007, p. 24).

Dessa forma, entendi que a improvisação está presente nos jogos teatrais, que são atividades que buscam despertar nos educandos o gosto pelo teatro, como também, o faz de conta, que na infância tanto fazemos uso e que com nosso amadurecimento vamos esquecendo. Com as Cantigas de Roda as crianças faziam uso de uma representação espontânea. Pois, acreditei que com as oficinas que aplicava, os educandos seriam conduzidos a criarem e recriarem uma ação cênica, com isso, eles seriam estimulados a desenvolverem sua criatividade. Haja vista, que, “a improvisação no Teatro/educação será mais ou menos

orientada e preparada, de acordo com as faixas etárias, com os métodos e com as particularidades de cada grupo” (CHACRA, 2010, p. 38). Assim, apropriei-me do conceito apresentado pela autora para relatar que propus aos educandos atividades nas quais eles tiveram oportunidades de fazer uso da improvisação. Como é possível ser observado nas evidências contidas nos anexos.

A utilização das linguagens artísticas jogos teatrais e cantigas de roda, foi devido ter percebido que elas faziam parte do universo cultural de nossos educandos. Porém, percebi durante o período em que realizava meu estágio de observação que, apesar de ter sido realizado em uma escola de ensino Fundamental II e Médio, as professoras Gilmara Guedes e Maria Bonfim não faziam uso dos jogos e muito menos das cantigas.

O trabalho desenvolvido serviu para que eu tivesse conhecimento de como a escola selecionada utilizava os jogos teatrais ou as cantigas de roda. Para assim, dialogar com as educadoras e propor uma nova maneira de se trabalhar a disciplina de Arte. Com este trabalho, propus-me a conduzir os educandos a alargarem seus conhecimentos no tocante aos conteúdos que trabalhei através dos jogos teatrais e das cantigas de roda, tais como: improvisação, linguagem gestual e corporal, sonoridade, espaço e ambiente, entre outros. Tendo em vista que no diálogo realizado com a coordenadora pedagógica eles não utilizavam os jogos teatrais e as cantigas de roda da maneira como trabalhei com a turma.

Todavia, quando estava participando de meu estágio de observação na escola estadual de Ensino Fundamental II Instituto Santa Juliana e na escola Estadual de Ensino Médio Dom Júlio Mattioli, pude perceber que pouco ou nada se debatia com relação à grandiosa importância do uso da teatralidade no cotidiano escolar. Isso pôde ter ocorrido pelo fato de que no momento do estágio, nestas escolas, elas estavam trabalhando a linguagem musical. Pois, de acordo com as informações repassadas pelas referidas professoras, elas trabalhavam cada eixo – Artes Visuais, Teatro, Música e Dança – a cada bimestre.

Tendo em vista que a graduação em Teatro pela Universidade de Brasília conduziu-me a perceber o quanto se faz importante o trabalho com a linguagem teatral, pois, dessa forma os educandos podem desenvolver seu potencial de comunicação, com isso, elevarem seus conhecimentos, pois:

a comunicação cênica mobiliza simultaneamente, articulando-as, diferentes modalidades de comunicação: a comunicação não-verbal (através da afetividade); a própria comunicação verbal (através de palavras); e a comunicação visual (através de formas, volumes e cores), entre outras (JAPIASSU, 2007, p. 97).



Como Japiassu menciona essas possibilidades de comunicações, pretendi me aproximar dessas questões com a temática que propus. Pois, desejei verificar como a Escola Siqueira de Menezes trabalhava com Jogos Teatrais e as Cantigas de Roda em seu ambiente escolar. Acreditava que após o momento que passássemos a ter em nossa comunidade, acadêmicos capacitados para atuarem como arte-educadores essas atividades precisariam se tornar uma constante no ambiente escolar. Com isso a visão começou a mudar, pois, mesmo que de forma tímida, a comunidade escolar passou a considerar a disciplina de Arte (Teatro, Artes Visuais e Música) com outro olhar, não mais como aquela disciplina que conduzia apenas os alunos a confeccionar / reproduzir artesanatos. E sim, que conseguem realizar com mais clareza o potencial que esta disciplina possuía a partir do momento que se trabalhava seguindo os princípios que a norteia.

Assim, pude dialogar com a turma do 5º ano “A” e, propus uma nova maneira de fazer com que os jogos teatrais e as cantigas de roda pudessem ser trabalhados de acordo com o foco teatral. Com esse trabalho busquei conduzir os educandos a conhecer a valiosa contribuição que as linguagens artísticas podiam trazer quando bem utilizadas no âmbito das aulas de Artes cênicas. Vislumbrei que através do contato direto do fazer teatral que proporcionei aos educandos do 5º ano “A” da escola selecionada, se dava através dos jogos teatrais e das cantigas de roda, pois, acreditava que essas linguagens artísticas eram fundamentais para que pudesse acontecer a aprendizagem de forma significativa no âmbito escolar.

Vejo que na educação tradicional, o educador Paulo Freire enumera os papéis tanto do educador como também o papel do educando, intitulando esta forma como educação bancária, pois, “quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão” (FREIRE, 1996 p.41). Dessa forma, nós que estamos nos capacitando para atuarmos como arte-educadores, temos uma missão importantíssima: trabalharmos com bastante compromisso e buscarmos tornar o ambiente escolar um espaço mais atrativo e dinâmico, com isso, estaremos nos aprimorando cada vez mais em nosso trabalho educacional.

### 1.1.3 – Dados da Instituição

Para poder escrever sobre os dados da escola que desenvolvi as oficinas, voltadas para a construção de meu Trabalho de Conclusão de Curso, realizei a leitura da Proposta Pedagógica da Escola e, constatei que, a construção da escola de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes aconteceu no mês de setembro de 1971, com seis salas de aulas. Ela começou a funcionar no dia 08 de março de 1972. Atuavam nesta instituição de ensino, entre professores, pessoal administrativo e de apoio 18 profissionais que atendiam o alunado de 1ª a 4ª série. Sua primeira gestora foi a professora Maria das Graças Celestino, nomeada pelo Governo do Estado do Acre e indicada ao cargo pelo inspetor de ensino da Representação da Secretaria de Educação no município.

O nome Siqueira de Menezes foi à homenagem ao Coronel José Siqueira de Menezes, o qual fundou a cidade de Sena Madureira – Acre. O governador responsável pela construção da referida escola foi Jorge Kalume e como prefeito do município o senhor Remarque de Queiroz Costa. Ao longo destes 40 anos de pleno funcionamento, a escola Siqueira de Menezes passou pela gestão de 12 profissionais, nas quais cada um contribuiu de forma significativa para o crescimento educacional da comunidade escolar. Atualmente a escola esta na fase de conclusão da 13ª gestão, tendo à frente dos trabalhos a gestora Márcia Débora de Souza Alencar Sales e como coordenadora de ensino a professora Wanda Motta Barbosa. Estas profissionais conduzem 392 educandos, distribuídos em dezesseis turmas, organizadas da seguinte forma: 02 turmas de 1º Ano; 03 turmas de 2º ano; 04 turmas de 3º ano; 03 turmas de 4º ano e 02 turmas de 5º ano.

Portanto, nas várias visitas que realizei nesta instituição, percebi o quanto os profissionais que nela atuam são comprometidos em desenvolver uma educação de qualidade e, eles têm muito orgulho da forma como estão desenvolvendo seu trabalho, pois, nas avaliações de larga escala os alunos desta instituição conseguiram obter bons resultados. A prova disto foi o resultado alcançado na Prova Brasil em 2011, a escola conseguiu obter a média projetada para 2021, sendo de 5.7, o melhor resultado das escolas de 1º ao 5º ano do município. E, devido o reordenamento de rede, a escola Siqueira de Menezes deixou de pertencer à rede estadual e passou a ser gerenciada pela rede municipal. Com esta mudança, a comunidade ainda é muito recente e ocorreu devido a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, apresentar o Ensino Fundamental I como sendo de responsabilidade dos municípios. Como

podemos constatar em seu artigo oitavo que diz: “Art. 8º - A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino”.

Esta mudança não está sendo vista de forma positiva, pois, os maiores investimentos em capacitação de professores têm ocorrido através da rede estadual. Com isso, a comunidade espera que a rede municipal consiga oportunizar momentos de formação aos profissionais que atuam na educação. A meu ver esta redistribuição trará bons resultados, tendo em vista que se delimita o campo de atuação de cada unidade federativa.

De acordo com as informações coletadas na Proposta Pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, com relação aos dados desta instituição, percebi que através dos jogos teatrais e das cantigas de roda que seria trabalhados com estes educandos, eles pudessem conseqüentemente elevar seu potencial de concentração. E, após cada atividade que realizava, fazia uma avaliação coletiva com a turma, como também, eles elaboravam um registro do trabalho desenvolvido em cada oficina. Os alunos que ficavam responsáveis pelos registros das oficinas eram escolhidos pela turma, porém, eles não poderiam ser escolhidos mais de uma vez para realizar esta tarefa, pois assim, conseguiria obter uma visão mais ampla dos educandos envolvidos neste trabalho.

A realização desta proposta justifica-se em decorrência da pouca utilização do fazer teatral, como também, da utilização da cultura popular no universo escolar, de acordo com as observações que realizei. Por isso, esta proposta de trabalho oportunizou aos educandos do 5º ano “A” da escola Siqueira de Menezes a vivenciarem experiências significativas, ou seja, o resultado de ações desenvolvidas em parcerias, buscando torná-las eficazes e dinâmicas. Onde visei desenvolver nos educandos a autonomia, a qual necessitava ser estimulada desde o momento em que a criança inicia seu processo educacional. Algo que os jogos teatrais e as cantigas de roda podem proporcionar. Acreditava que, desta forma, os educandos teriam a oportunidade de trazer ao universo escolar as brincadeiras infantis vivenciadas alguns anos atrás e descobrir o quanto elas podiam trabalhar a expressão corporal.

Tendo em vista que, os jogos teatrais e as cantigas de roda não podiam ser vistos apenas como divertimento ou brincadeira para preencher o tempo de aula, pois, as linguagens artísticas – Jogos Teatrais e Cantigas de Roda – podiam favorecer o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e principalmente a interação e o respeito daqueles que estavam envolvidos, penso que através do trabalho realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes apresentei uma nova proposta de utilizar os jogos e as cantigas, de

acordo com minha visão sobre a utilização dessas linguagens artísticas. Porque, como bem nos apresenta a professora de teatro Viola Spolin, sobre a utilização dos jogos teatrais em sala de aula.

Jogos teatrais, experimentados em sala de aula, devem ser reconhecidos não como diversão que extrapolam necessidades curriculares mais sim como suportes que podem ser tecidos no cotidiano, atuando como energizadores e/ou trampolins para todos. Inerente a técnica teatrais são comunicações verbais, não-verbais, escritas e não-escritas. Habilidades de comunicação, desenvolvidas e intensificadas por meio de oficinas de jogos teatrais com o tempo abrangem outras necessidades curriculares e a vida cotidiana (SPOLIN, 2006, p. 20).

Mediante aos comentários apresentados por Viola Spolin sobre a utilização dos jogos teatrais no ambiente da sala de aula, percebi ao longo das oficinas que apliquei com a turma, os educandos foram amadurecendo sua visão sobre o papel desta linguagem artística no ambiente escolar. Com isso, constatei a cada oficina aplicada, que os educandos estavam bem mais atentos aos comandos proferidos por mim, como também, passavam a observar e valorizar o trabalho desenvolvido por seus colegas.

#### **1.1.4 – Aspectos Conceituais**

Os estudos realizados durante todo meu percurso nesta graduação, sempre me apresentaram a disciplina de Artes Cênica como sendo uma peça primordial para proporcionar aos educandos espaços de aprendizagens. Neste processo educacional, que vivenciei nas várias disciplinas do curso de graduação, as quais me conduziram a perceber o quanto esta linguagem artística contribui para o crescimento dos educandos. Dessa forma, nos estágios que vivenciei, pude constatar que os jogos teatrais e as cantigas de roda são linguagens artísticas capazes de estimular os educandos a melhorarem seu poder de concentração, e passarem a respeitar os combinados. Com isso, melhoraram seu comportamento. Tais fatos acima mencionados pude constatar no período em que estava estagiando na escola estadual de ensino fundamental Instituto Santa Juliana, com a turma do 4º Ano “A”, a professora Maria Alzira Amaral dos Santos, no final de meu trabalho me parabenizou e relatou-me que seus alunos passaram a interagir melhor no ambiente da sala de aula. Como bem nos apresenta o escritor Ricardo Japiassu, o conceito de jogos teatrais:

Os jogos teatrais são atividades pedagógicas para aquisição, leitura, domínio e fluência da comunicação por meio do teatro, de uma perspectiva *improvisacional* (sem roteiros nem combinações apriorísticas de como será a atuação na área de jogo e sem textos de sustentação à representação teatral previamente elaborados). Basicamente, os jogos teatrais constituem desafios (problemas cênicos de atuação) apresentados aos jogadores, na forma de *jogos com regras* (Spolin 1992 apud JAPIASSU, 2010, p. 66).

Através da visão apresentada por Spolin sobre o amplo poder que os jogos teatrais possuem, tinha plena convicção de que o trabalho que iria desenvolver teria vários obstáculos a serem superados. E, um deles era, a dificuldade que os pré-adolescentes que estavam matriculados na turma definida para esta intervenção, podiam vir a apresentar em se deixarem envolver pelo lado infantil que os jogos teatrais e as cantigas de roda apresentavam. Porém, planejei fazer uma explanação sobre o trabalho que estaria desenvolvendo nas oficinas e, eles teriam plena liberdade para apresentarem seu pensamento sobre o desenvolvimento das atividades. Com isso, criei uma relação de confiança através do “circulo de discussão”, pois, ele:

é o procedimento que inaugura cada sessão de trabalho com jogos teatrais. Nele, apresentam-se os protocolos referentes às sessões anteriores e discutem-se as descobertas realizadas pelo grupo com a prática dos jogos teatrais. É o momento em que avisos, comunicados, problemas, assuntos e acontecimentos de interesse comum são compartilhados. O círculo de discussão funciona também como uma espécie de preparação psicológica (concentração) para a “passagem” da realidade concreta à realidade cênica ou simbólica, além, é claro, de constituir um fórum privilegiado de reflexão sobre a práxis no/do grupo (JAPIASSU, 2001, p. 57).

Penso que através dos protocolos – pensamentos dos educandos sobre a atividade desenvolvida – eles foram percebendo os pontos falhos e, assim, procuraram melhorar os aspectos negativos. Constatei que através desta dinâmica, consegui fazer com que todos os educandos do grupo expusessem sua visão da oficina e assim fomos trabalhando, com o intuito de tornar as oficinas cada vez mais prazerosas, dinâmicas e conduzi-los a um aprendizado, pois:

Os protocolos são as coisas que o aluno quer dizer sobre o que vivenciou nas aulas de teatro. Eles se referem sempre à última sessão de trabalho e costuma ser apresentado quando tem início um novo encontro, durante o círculo de discussão inicial. A cada sessão, um aluno diferente ou um grupo de alunos se responsabiliza pela confecção do protocolo referente ao assunto discutido, aos episódios ocorridos e às reflexões sobre o trabalho daquele dia. A escolha dos responsáveis pela confecção do protocolo não é feita exclusivamente pelo professor. Espera-se sempre que um ou mais membros do grupo, voluntariamente, apresentem-se como responsáveis por esta tarefa (JAPIASSU, 2011, p. 60).

Vislumbrei que através dos protocolos, os educandos foram percebendo seu comportamento durante a aplicação dos jogos e das cantigas. Dessa forma, acreditava que o revezamento das equipes na área de jogo, proporcionava um grande momento de aprendizado,

tendo em vista que no momento que eles estavam envolvidos com a atividade, não conseguiam visualizar com precisão a ação desenvolvida. Porém, quando passavam a observar a outra equipe na área do jogo, podiam perceber a dinâmica utilizada. Desta forma, acreditava que esta fosse uma grande oportunidade para se aprender a valorizar as estratégias dos companheiros de turma. “Quando uma equipe atua na área de jogo, os outros participantes do grupo a observam com atenção, acompanhando a solução cênica apresentada por seus componentes no desenvolvimento de suas ações” (JAPIASSU, 2001 p. 67). Assim, a observação ajuda o grupo a refletir sobre as ações criadas para solucionar o problema apresentado.

Fazendo uma reflexão sobre as disciplinas de Estágio Supervisionado que tive o privilégio de vivenciá-las, percebi que cada etapa na vida de um professor arte-educador se faz necessária, tendo em vista, a partir do momento que o educador tem o conhecimento sobre o conteúdo a ser desenvolvido e as metodologias que utilizará para melhor aplicar este conteúdo, seu trabalho irá fluir com mais qualidade. Isso porque, desde a observação, passando pela coparticipação até a culminância da regência, verifiquei o quão complexo e cheio de pormenores é o contato com os educandos no ambiente escolar. Percebi que eles são os elementos primordiais dentro de uma instituição de ensino, mesmo que venham repletos de problemas, fato este, acontecer diariamente nos espaços escolares.

Penso que o planejamento necessita ser uma prática constante no cotidiano escolar, pois, não significa que o trabalho com a disciplina de Artes esteja fora deste contexto escolar. E, como educador sempre tive a visão de que todos os componentes curriculares precisam ser tratados com o mesmo compromisso. Isso não significa dizer que, a disciplina de Arte não tenha sua expressividade, pois, de acordo com as escritoras Libéria Rodrigues das Neves e Ana Lydia Bezerra Santiago as Artes precisam ser compreendidas:

como processo de representação simbólica para comunicação do pensamento e dos sentimentos humanos, representam enorme valor e significam grande importância na formação do educando. Essa concepção possibilitou se pensar o teatro na educação, não apenas como um instrumento ou método utilizado no ensino de conteúdos extrateatrais, tampouco disciplina voltada para a formação de artistas, mas o teatro, sim, como atividade educativa focada no domínio, na influência e compreensão estética das complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores (NEVES; SANTIAGO, 2009, p. 31).

Imagino que a escola, através da mediação dos professores, possa conduzir os educandos a experimentarem as várias linguagens artísticas, pois, dessa forma estará proporcionando a eles o fazer e o fruir arte. Tendo em vista que a formulação de ideias e atitudes são assimiladas a partir do momento em que são vivenciados de forma sutil. Sendo

assim, penso que se nossos educandos fossem sendo introduzidos no universo das artes de forma prazerosa, seriam capazes de valorizar nosso patrimônio artístico e cultural.

Vislumbro uma escola que seja capaz de trabalhar nos educandos o gosto pelas artes, e estimulá-los a fazer uso do ato de dramatizar que toda criança traz consigo, pois, todos nós já brincamos de faz de conta e, isso nada mais é do que nossa veia artística sendo desenvolvida, pois:

O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente (PCNs, 2001, p. 83).

Acredito que o teatro na escola seja utilizado apenas como recurso de apresentar as datas comemorativas. Falo isso, pois atuo a quase vinte e dois anos na educação e, via que os professores lotados com a disciplina de Artes eram aqueles que não tinham formação adequada e não eram muito comprometidos e, desta forma, a disciplina sempre foi vista pelos educandos como algo sem muita importância. Somente através de ações isoladas de alguns professores que buscavam resgatar a cultura regional, sendo assim, as aulas tornavam mais significativas. Porém, após a instalação da Universidade de Brasília que ofereceu-nos a oportunidade de conhecer o grande universo que a disciplina de Arte consegue adentrar, estamos conseguindo quebrar o preconceito com relação às aulas de arte, tendo em vista que os educandos realizavam apenas reproduções artísticas, sem jamais serem estimulados a criarem. Dessa forma passavam a serem meros reprodutores, sem ter a liberdade para criar. Com isso, reprimiam o potencial de criação que todos nós temos, porém, nunca nos estimularam a fazer com que este nosso potencial aflorasse.

Percebo que o teatro na escola muitas vezes está cercado de preconceitos, seja por parte da comunidade escolar ou mesmo pelos pais dos alunos, com isso, o papel do arte-educador é mostrar que:

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (PCNs, 2001, p. 84).

O universo das brincadeiras é a principal via de participação social das crianças. Sendo assim, é através do ato de brincar que os educandos desenvolvem sua compreensão do mundo e se expressam imitando ou recriando seu modo de vida com aqueles com os quais mantêm contato. Através deste processo, cada educando inventa um modo único de ser e agir no mundo, dessa forma irá construindo sua identidade pessoal e cultural. Sabendo que o ato de brincar proporciona a todos um aprendizado. Vejamos o que fala as escritoras Libéria Rodrigues das Neves e Ana Lydia Bezerra Santiago sobre a brincadeira dramatizada.

É a denominação utilizada pela autora para se referir às formas primárias do jogo dramático, latentes desde a primeira infância. Essa fase é observada nos grupos de criança, mas também se mostra presente nas manifestações expressivas iniciais de grupo de adultos submetidos à prática de jogos teatrais (NEVES; SANTIAGO, 2009, p. 90).

Sendo assim, as cantigas de roda estavam associadas aos jogos teatrais com o propósito de estimular os educandos a trazerem de volta as brincadeiras vivenciadas na infância, pois toda criança já fez uso do campo imaginativo. Dessa forma, acredito que elas podem proporcionar aos educandos momentos de interação com o grupo e também o meio cultural em que vive, pois as cantigas de roda:

traduzem tradição, cultura e conferem uma grande carga afetiva ao brinquedo. Quando a criança participa das brincadeiras de roda representa espontaneamente o enredo cantado e expressa seus sentimentos. As cantigas de roda estimulam a criatividade, a partir delas novas cantigas são criadas e sobrevivem como herança através das gerações (FERREIRA, 1997, p. 07).

### **1.1.5 – O Fazer Teatral e Experiência de Vida: um breve relato pessoal**

No tocante a minha experiência pessoal no universo das artes cênicas como expectador tem sido bastante pequena. Tendo em vista que no município de Sena Madureira – Acre, praticamente não possui atividade cultural voltada para o teatro. Com isso, esporadicamente aparecia algum grupo da capital de nosso estado – Rio Branco, e apresentava algum espetáculo aberto ao público. Nessas apresentações eu ficava bastante atento, pois, imaginava como aquelas pessoas conseguiam se envolver de forma completa com o espetáculo apresentado, como elas conseguiam transmitir uma verdade cênica ao público presente. Hoje, após ter vivenciado a graduação em Teatro, percebo que o ator tem a possibilidade de estar inserido em vários mundos, pois, assim, vai construindo as verdades vivenciadas por seus personagens.



Com relação a minha experiência como artista, teve início na escola, porém, meus professores não conseguiam me estimular ou não tinham formação qualificada para desenvolver um trabalho de forma mais intensa ao magnífico mundo do teatro. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de que:

Tradicionalmente, nossas escolas são escolas de leitura. Ainda hoje, a partir da pré-escola, a atividade fundamental da criança é aprender a ler e escrever. A criança em idade pré-escola “brinca”, não se atribuindo às atividades espontâneas a mesma importância e seriedade que caracterizam o ensino primário, onde a criança começa a ter “tarefas” a cumprir. A escola atribui um peso proporcionalmente maior à função de acomodação da inteligência, não conferindo a mesma dimensão à assimilação. O que se vê com frequência é que enquanto as funções intelectuais têm um progresso contínuo, na expressão artística, ao contrário, a impressão que se tem é a de um retrocesso (KOUDELA, 2011, p. 29).

Assim, como nos apresenta Ingrid Koudela sua visão sobre as atividades desenvolvidas pelas escolas, percebi que elas continuam priorizando as “tarefas”, acreditando que elas sejam as únicas vias de acesso ao conhecimento. Contudo, no ano de mil novecentos e oitenta e nove, quando chegou a nossa paróquia o jovem Frei Rinaldo Stecanela, o qual estava em nossa comunidade para desenvolver um trabalho com a juventude, tendo como principal foco a evangelização. Ele tinha muita habilidade para trabalhar o teatro, como também, sabia estimular a juventude a se envolver com o serviço da igreja. Nesta época eu participava do grupo de jovem JUPEC – Juventude Unida Fé em Cristo – o qual realizava reuniões periódicas com alguns jovens do município, com o objetivo de orientá-los a viver uma vida voltada aos ensinamentos de Cristo, como também, buscar ajudar as famílias carentes de nossa comunidade. Aproveitando esses jovens, Frei Rinaldo passou a escrever peças teatrais de cunho religioso, isso fazia o jovem refletir, como também, conduzir outras pessoas a realizar essa reflexão sobre os ensinamentos de Jesus Cristo.

Neste mesmo ano, Frei Rinaldo Stecanela escreveu uma belíssima dramatização intitulada “A Paixão de Jesus Cristo”. Dessa forma ele precisava de pessoas para atuar nos mais variados papéis. Este frei também trabalhava como professor na escola de Ensino Médio Dom Júlio Mattioli com a disciplina de Filosofia e, em uma de suas aulas que não estava muito atento aos seus questionamentos, ele disse que gostaria de falar comigo no final da aula. Pensei que iria tomar uma bronca, porém, ele perguntou-me se não gostaria de participar da dramatização que estava organizando, tendo em vista que precisava de um homem com barba e, nesta época eu encontrava-me bastante barbado. Disse a ele que não tinha nenhuma experiência com teatro, porém ele relatou-me que faria a primeira leitura do texto no sábado às oito horas, caso eu estivesse interessado aparecesse ao encontro. Fiquei bastante apreensivo com o convite, pois, não conseguia me visualizar atuando em uma peça teatral. Contudo, fui

participar da primeira leitura do texto e, a partir do momento que percebi que muitas pessoas não acreditavam que conseguiria memorizar o texto e apresentá-lo de maneira significativa, penso que nem mesmo eu acreditava nesta possibilidade. Porém, Frei Rinaldo disse que eu tinha potencial para desenvolver o papel com muita qualidade. Após esse momento passei a empenhar-me na construção da minha personagem – Jesus Cristo.

Hoje, desenvolvendo este trabalho de conclusão de curso percebo o quanto as palavras de estímulo proferidas por Frei Rinaldo conduziram-me a gostar do fazer teatral, pois, ele não mora mais em nossa cidade, mas a semente que plantou nos corações de muitos jovens conseguiu germinar e, já fazem vinte e três anos que apresentamos esta dramatização no pátio da igreja Nossa Senhora da Conceição e, a cada ano visualizo pessoas emocionadas com as cenas que apresentamos. Hoje compreendo que a emoção flui no momento em que o ator busca dar vida cênica ao personagem que representa.

Penso que no momento que estiver atuando como arte-educador, buscarei utilizar de várias estratégias que possibilitem ao educando o pleno envolvimento nas atividades realizadas, para isso, ele precisa ser estimulado a se envolver nas tarefas propostas pelo educador, tendo em vista acreditar que:

durante o trabalho, o professor mostra a necessidade de desenvolvimento de atitudes não como regras exteriores, mas como condições que favorecem o trabalho criador dos alunos e a aprendizagem significativa de conteúdo. O respeito pelo próprio trabalho e pelo trabalho dos outros, a organização do espaço, o espírito curioso de investigar possibilidades, a paciência para tentar várias vezes antes de alcançar resultado, o respeito pelas diferenças entre habilidades de cada aluno, o saber escutar o que os outros dizem numa discussão, a capacidade de concentração para realização dos trabalhos são atitudes necessárias para a criação e apreciação artística (PCNs, 2001, p. 113).

Penso que somente a partir do momento em que o professor consegue manter um diálogo com os educandos e relatar a confiança que deposita no potencial que eles possuem em fazer crescer as habilidades necessárias para o bom desenvolvimento das tarefas escolares, o educando perceberá a necessidade que todos possuem de vivenciar experiências artísticas, pois, segundo Philippe Perrenoud “o diálogo é o princípio da observação formativa, da expressão das representações do aprendiz, da identificação dos obstáculos com os quais se depara e dos erros que comete” (PERRENOUD, 1999, p.73), com isso, construirá a consciência de si mesmo e, portanto, a sua cidadania.

## 2 – CAPÍTULO II

### 2.1 – RESULTADO DAS OFICINAS DESENVOLVIDAS COM OS EDUCANDOS MATRICULADOS NO 5º “A” DA ESCOLA SELECIONADA.

A realização desta proposta justifica-se em decorrência da nossa constatação da pouca utilização do fazer teatral, bem como da utilização da cultura popular no universo escolar, como já frisei anteriormente. Por isso, este trabalho se propôs oportunizar aos educandos do 5º ano “A” da escola Siqueira de Menezes vivenciarem atividades baseadas em jogos teatrais e cantigas de roda. Sendo assim, busquei conduzi-los a redescobrirem o quanto estas linguagens artísticas, tornam-se capazes de criar momentos de grande interação entre o grupo. Com isso, o resultado de ações desenvolvidas em parcerias estabelecidas pelos educandos no âmbito da sala no momento em que estavam sendo trabalhadas as atividades planejadas para a oficina. Assim, procurei desenvolver nos mesmos a autonomia, a qual necessita ser estimulada desde o momento em que a criança inicia seu processo educacional. Algo que o trabalho com os jogos teatrais e as cantigas de roda pode proporcionar.

Percebi que através das oficinas realizadas com a turma, os educandos descobriram o quanto elas podiam trabalhar a linguagem verbal e a não verbal, pois:

Enquanto que os significados fornecidos através da forma discursiva exigem o aprendizado do vocabulário e da sintaxe, o símbolo não-discursivo prescinde de qualquer aprendizagem. As formas não-discursivos são consideradas mais baixas do que as do discurso no sentido de que elas não exigem a intervenção do raciocínio e falam diretamente ao sentido. Enquanto que o pensamento verbal e conceitual é inicialmente exterior à criança e não pode fornecer o que foi dividido individualmente, o simbolismo lúdico, ao contrário, é elaborado pelo sujeito para seu próprio uso (KOUDELA, 2011, p. 28).

Sabendo que as várias formas de linguagens são fundamentais ao pleno desenvolvimento do ser humano e, tendo em vista que, os jogos teatrais e as cantigas de roda não podem ser vistos apenas como divertimento ou brincadeira para preencher o tempo de aula. Elas precisam ser trabalhadas com o propósito de estimular o contato com lúdico nos educandos. Pois, estas linguagens artísticas – jogos teatrais e cantigas de roda – podem favorecer o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e principalmente a interação e o respeito entre um grupo. Sendo assim, fazendo minhas as palavras de Ana Mae Barbosa,

tenho plena convicção de que “a arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual” (2008, p. 99). Pois, como já mencionei anteriormente, é através da Arte que podemos desenvolver nossa percepção a respeito do ambiente que habitamos, com isso, compreendemos de forma crítica a realidade e adquirimos capacidade de transformá-la.

O trabalho que desenvolvi no âmbito da escola Siqueira de Menezes visou proporcionar momentos que estimulassem os educandos a refletirem sobre a participação de cada um dentro dos jogos teatrais e das cantigas de roda aplicadas com a turma. Tendo em vista acreditei que, os educandos seriam estimulados a refletirem nos benefícios que conquistariam quando passassem a perceber que a colaboração dos colegas de classe nos ajudavam a melhorar nossa convivência diária.

A primeira oficina aplicada com a turma do 5º ano “A” tinha como objetivos: Identificar os Jogos Teatrais e cantigas de roda como linguagens artísticas que conduzisse ao desenvolvimento pessoal, colher dos educandos exemplos de Jogos Teatrais e cantigas de roda; conduzi-los a respeitarem a opinião expressa por seus colegas e aplicar jogos teatrais e cantigas de roda e estimular a identificação deles como linguagens artísticas que conduzem ao desenvolvimento pessoal.

Realizei uma dinâmica de apresentação, na qual os educandos diziam seus nomes e relatavam as principais atividades que gostavam de fazer durante o dia. Em seguida, propus que eles realizassem perguntas quanto às suas curiosidades, no tocante aos meus estudos ou com relação ao trabalho que iria desenvolver com eles durante algumas semanas.

Sanadas suas curiosidades em relação ao trabalho que realizei em parceria com eles, expliquei a origem dos jogos teatrais, embasado nos estudos realizados por Viola Spolin. Pois, segunda a arte-educadora, “os jogos teatrais se originaram em comunidades de bairro de imigrantes nas grandes cidades americanas, estando ligados a camadas de população desprovidas de teatro, e seguem a tradição de jogos tradicionais populares (SPOLIN, 2006, p. 15). Como também, a origem das cantigas de roda, sobre a qual fiz a leitura dialogada do texto “Origem e Características das Cantigas de Roda”. Este primeiro momento foi bastante proveitoso, pois, através das informações apresentadas aos educandos eles sanaram as possíveis dúvidas com relação ao assunto.

Antes de começar a aplicar o Jogo Teatral intitulado de “Jogo da Bola – Ficha A9”<sup>1</sup>, e também a cantiga de roda “A canoa virou”, retirada do livro *A Hora da Escola* de Marielise Ferreira, expliquei à turma que precisaria de voluntários para elaborar uma visão do trabalho desenvolvido neste dia. Expliquei ainda a eles que não poderiam repetir os educandos durante as cinco oficinas que seriam realizadas com a turma. Relatei aos educandos que esta atividade era denominada de protocolo e, ela serviu para comprovar o trabalho realizado, como também, de avaliação das oficinas aplicadas. Informei a eles que os protocolos poderiam ser produzidos da forma que achassem melhor, poderiam ser através de textos ou de desenhos, porém, eu precisava refletir o modo como eles perceberam as ações desenvolvidas pelo grupo.

Um aspecto que me deixou bastante apreensivo foi à turma ter um número bastante elevado de educandos para se desenvolver uma oficina de artes cênicas. Quando todos estavam presentes eram vinte e oito educandos. E, como já relatei anteriormente, minhas atividades foram sempre aplicadas em grupos, com isso, facilitava a aplicação dos jogos teatrais e das cantigas. Dessa forma penso que o professor precisa organizar bem os grupos para que todos os componentes possam participar de forma ativa nas atividades propostas.

Realizei uma conversa bastante produtiva com a turma, relatando aos educandos que todos precisariam estar atentos para os comandos que seriam dados e, para tanto, necessitaríamos da colaboração de todos, pois:

A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (FERRAZ, 2010, p. 17).

Através deste primeiro contato com os educandos do 5º ano “A”, apresentei a eles que as aulas de arte também precisavam ser levadas a sério, tendo em vista que esta disciplina nos conduz a adentrarmos no universo cultural dos povos. Dessa forma, espero de cada um dos educandos envolvidos nas oficinas aplicadas, tenham percebido que através das aulas de arte o professor:

espera-se que os alunos vivenciem intensamente o processo artístico, acionando e evoluindo em seus modos de fazer técnico, de representação imaginativa e de expressividade. Ao mesmo tempo, espera-se que aprendam sobre outros autores, artistas, obras de arte, complementando assim seus conhecimentos na área (FERRAZ, 2010, p. 68).

---

<sup>1</sup> Importa lembrar que todos os jogos teatrais propostos nas oficinas pertencem ao Fichário de Jogos Teatrais de Viola Spolin ou de Ricardo Japiassu existentes no livro *Metodologia do Ensino de Teatro*.

Na dinâmica de apresentação os educandos foram estimulados a relatarem as atividades que gostavam de fazer durante o dia. Os relatos dos mesmos foram: jogar bola - futebol, andar de bicicleta, brincar de boneca, andar de *skate*, jogar no computador, ficar no *facebook*, jogar *play station*. Um fato que me deixou preocupado, foi de algumas crianças relataram que ficavam até altas horas utilizando as redes sociais. Fiquei me questionando sobre o comportamento desses educandos, pois, ainda são bastante jovens, estão na faixa etária de 10, 11 e 12 anos de idade.

Aproveitei o relato das crianças para questioná-los sobre a utilização da internet, esta magnífica ferramenta que possibilita maior acesso ao conhecimento. Assim, sugeri que eles também a utilizassem como fonte de pesquisa sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Relatei à turma que nossas oficinas necessitavam do empenho de todos e, devíamos aproveitar os ensinamentos que as aulas de arte podiam proporcionar no aprimoramento dos nossos conhecimentos nos mais variados aspectos, pois:

A arte na escola pode ser vista e trabalhada como uma grande ferramenta capaz de estimular e salientar as peculiaridades criativas dos educandos, bem como de promover a aprendizagem na diversidade por meio do contato, da aceitação e da troca das diferenças (NEVES, 2009, p. 37).

Após ter realizado o diálogo com a turma, e apresentado a importância da utilização da arte no ambiente escolar, relatei a eles a primeira atividade que realizaríamos seria o jogo teatral intitulado de “Jogo da Bola”.

A turma foi dividida em dois grupos, sendo: grupo “A” e grupo “B”. Realizei um sorteio para determinar qual seria o primeiro grupo que participaria da atividade. Sendo o grupo “B” o primeiro sorteado para adentrar no campo da “área de jogo”. Que segundo o autor Ricardo Japiassu descreve que neste espaço:

Costuma-se usar tapete, esteira, tatame ou carpete barato para delimitar a área de jogo (mas pode-se fazer uso também de cordas ou barbantes e até mesmo demarcar o espaço físico no qual serão desenvolvidos os jogos com giz – riscando o chão, por exemplo). Outras vezes, uma demarcação verbal, utilizando apenas algumas referências concretas do espaço, será suficiente para definir o campo do jogo. O importante é circunscrever a área física em que ele acontecerá, delimitando-a com clareza (JAPIASSU, 2001, p. 59).

Antes de começarmos o jogo da bola com o grupo “B”, informei aos membros do grupo “A” que deviam estar atentos ao jogo, pois, o foco era fazer com que a bola saísse do campo imaginativo para o campo espacial, ou seja, a área de jogo. Por isso, deveria observar os movimentos de seus colegas que estavam atuando como jogadores.

O primeiro contato dos educandos com o jogo proposto por mim foi, a princípio, sem muito empenho. Pude perceber que eles pareciam nunca ter vivenciado este tipo de conteúdo em suas aulas. O jogo começou bastante tímido, mas, com o passar do tempo e, com as orientações dadas por mim eles foram percebendo que deveriam tirar a bola que estava apenas em suas cabeças e trazer para a área de jogo. Tendo em vista, estarem jogando com uma bola imaginária que tinha a necessidade de ser visualizada no momento do jogo. Em um determinado momento falei para eles que o ato de dramatizar necessita da criatividade dos participantes, pois, precisávamos trazer a verdade cênica, ou seja, tornar verdade uma ação imaginária, para a aplicação dos jogos e das cantigas trabalhadas. Após as orientações, pude perceber que os educandos passaram a buscar dar veracidade ao jogo e as cantigas, com isso, busquei fazer com que eles percebessem a importância da “verdade” no jogo ou nas cantigas, pois:

O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente (PCNs, 2001, p. 83).

Tendo em vista que todos nós, no momento de nossa infância, fizemos uso do jogo simbólico. Sempre nos imaginávamos em um mundo que construíamos. Neste universo a criança cria e recria a realidade imaginada. E assim, vai melhorando seu potencial de criação e interagindo com o mundo real. E, pela utilização do jogo simbólico, a criança vai descobrindo as peculiaridades que existe deste jogo com o jogo teatral e, assim, vai redescobrimo a magia da imaginação.

Após a apresentação do grupo “B”, no momento da avaliação, alguns educandos disseram que não conseguiram visualizar a bola no espaço da área de jogo, dessa forma, relataram a importância do envolvimento com o ato de dramatizar o jogo e também, fazer uso da imaginação. Com isso o jogo passa a se tornar o mais real possível.

Ao término da apresentação do grupo “B”, o grupo “A” foi convidado a adentrar na área de jogo e, solicitei a eles que escolhessem qual o tipo de bola iriam jogar. O grupo decidiu utilizar uma bola de basquete. Após escolherem o educando que estaria de posse da bola, solicitei a eles, antes de jogar a bola, pronunciasse o nome do colega que deveria receber a bola. Com este grupo foi possível perceber com mais clareza o envolvimento dos educandos

com o jogo. Penso que isso ocorreu pelo fato de eles já terem observado a ação dos colegas do grupo “B”.

A avaliação da turma com relação ao jogo da Bola foi bastante positiva, pois eles relataram que ainda não tinham vivenciado esse tipo de brincadeira e que quando não estavam atentos aos comandos dados por mim não conseguiam realizá-lo. Assim, observei que o grupo tenha iniciado a compreensão de que para termos foco em um jogo teatral precisamos estar concentrados e utilizar a imaginação.

Com relação à cantiga de roda “A Canoa Virou”, busquei colher informações que os educandos adquiriram no decorrer de seu processo educacional, sobre o conteúdo que iria trabalhar. Eles relataram-me que tinham brincado de cantiga de roda somente na educação infantil. Solicitei a eles que falassem o nome das cantigas de roda conhecidas. As cantigas de roda relatadas pelos educandos foram: Borboletinha; Atirei o pau no gato; A barata e Fui no Tororó. Percebi através dos relatos dos educandos que pouco se faz uso das cantigas de roda nas aulas, ou seja, elas provavelmente são utilizadas apenas nos primeiros anos de escolaridade. Ficando, assim, esquecidas em um determinado momento de sua vida escolar. Alguns educandos relataram que lembravam que já tinham visto as Cantigas de Roda na Educação Infantil. Isso reforça a tese de que nossos educadores pouco fazem uso dessa linguagem artística.

Antes de começarmos a brincar de roda, expliquei que as cantigas de roda estavam atreladas a cultura brasileira. Porém, sua origem estava ligada aos países europeus, especialmente Portugal e Espanha. Contudo, elas ganham vida nova a partir do momento que entram em contato com a cultura de cada povo.

Concluídas as explicações sobre a origem das cantigas de roda, informei aos educandos que trabalharíamos a cantiga “A Canoa Virou”. Orientei a eles que deveriam escolher um colega para ser o peixinho e ficar nadando no centro da roda. No momento que estivessem cantando a primeira estrofe da cantiga, deveriam escolher um colega para ir ao fundo do mar. No momento que o nome do educando fosse pronunciado, ele deveria voltar suas costas para o centro da roda. Sem mudar de lugar. Ao ser cantada a segunda estrofe, o peixinho que estava nadando no centro da roda salvaria um colega, pegando-o pela mão e tornando-o peixinho. Com isso passava a ocupar o lugar do colega na roda. A brincadeira só terminou quando todos os educandos passaram pela situação de peixinho.



Com a aplicação desta cantiga constatei que as crianças ao dramatizarem a posição de peixinho, buscavam transmitir aos colegas que realmente estavam nadando. Percebi que as orientações transmitidas a eles foram de fundamental importância, pois:

As instruções dadas pelo coordenador, enquanto o jogo está em processo, pretendem atingir o organismo do atuante como um todo. Elas surgem espontaneamente, a partir daquilo que emerge na cena. O coordenador é o olho e o ouvido da platéia e, ao mesmo tempo, é um parceiro que participa do jogo teatral através da instrução. As instruções são enunciados diretos: Compartilhe o quadro de cena! Veja os botões no casaco de João! Compartilhe a voz com a platéia! Veja com o dedão do pé (KOUDELA *apud* SPOLIN, 2010, p. 23).

Fazendo uso do pensamento de Ingrid Koudela sobre as instruções durante a aplicação dos jogos, percebi que elas ajudam aos jogadores compreenderem a importância da concentração, como também, um fato que contribui para o aprendizado da turma é o revezamento na área do jogo, pois, através da observação os educandos podem avaliar a sua postura com relação à ação proposta pelo jogo ou pela cantiga. Foi no momento do revezamento das equipes na área de jogo que compreendi que:

As equipes se revezam no espaço físico delimitado arbitrariamente como área de jogo, na tentativa de buscar soluções cênicas para o problema apresentado ao grupo. A área de jogo pode ser qualquer espaço convencionado como tal. Exemplo: uma parte de uma sala, alguns degraus de uma escada, um tapete, um pedaço do jardim etc. Quando uma equipe atua na área de jogo, os outros participantes do grupo a observam com atenção, acompanhando a solução cênica apresentada por seus componentes no desenvolvimento de suas ações (JAPIASSU, 2001, p. 67).

Sendo assim, percebi que o revezamento na área de jogo ajuda a percepção de como devemos nos comportar com relação ao jogo. E, finalizando nossa oficina, realizei uma avaliação geral dos trabalhos desenvolvidos e, em sua maioria os educandos relataram que havia sido bastante “legal” terem participado deste momento. As professoras Edicilda Brito de Alencar e Maria do Socorro Henrique dos Santos falaram que ainda não haviam percebido que poderiam utilizar as cantigas de roda da forma que fora desenvolvida neste dia, pois, elas as utilizavam apenas como ditado, ou seja, apenas com o propósito de verificar se os educandos estavam escrevendo de forma ortograficamente correta. Com esta fala pude perceber que nossos professores necessitam de apoio com relação à elaboração e execução das aulas de Arte Cênica.

No dia vinte e cinco de outubro de dois mil e doze, retornei a escola para aplicar a segunda oficina. Para este dia estava planejado desenvolver o jogo teatral “Construindo uma História” e a cantiga de roda “Pai Francisco”.

Ao entrar na sala, percebi que os educandos haviam poluído bastante o ambiente e, procurei as funcionárias de apoio e solicitei uma vassoura. Quando retornei a sala de aula, os educandos começaram a falar que queriam ajudar na limpeza para terminar rápido e desenvolver a atividade das cantigas. Com isso, entreguei a vassoura a uma das alunas que pediu para ajudar e fui à busca de outra, para assim concluir logo a limpeza do ambiente.

Concluída a limpeza da sala de aula, aproveitei a oportunidade para conversar com eles em relação à boa conservação do ambiente escolar. Relatei que os únicos responsáveis pela aparência agradável da sala de aula eram os educandos, pois, as funcionárias de apoio realizavam a limpeza após o término da aula independente de estar suja ou não. Por fim, falei aos mesmos que independente do local onde moramos, precisamos ter bons hábitos com relação ao meio ambiente.

Após a conversa sobre a poluição ambiental da sala de aula, solicitei aos quatro estudantes que ficaram responsáveis pela apresentação dos protocolos referentes à primeira oficina, que os apresentassem. Fiquei bastante contente com as apresentações, tendo em vista que eles relataram de forma detalhada o desenvolvimento da oficina, relatando os pontos positivos e negativos. Como pontos positivos foram citados: se divertiram muito, aprenderam a respeitar a visão dos colegas, aprenderam a viver em harmonia, perderam a timidez, adquiriram mais criatividade, realizaram trabalhos em grupos, sentiram-se felizes em participar, aprenderam cantigas novas, podiam usar a criatividade e imaginação, sentiram-se bem com a vida, não se sentiu diferente de ninguém. Os educandos apresentaram como ponto negativo apenas a timidez de alguns colegas em participar das atividades.

Acredito que através dos protocolos apresentados os educandos aprimoraram sua visão com relação ao trabalho realizado e também desenvolveram seu potencial de avaliar criticamente um trabalho concluído, com isso, amadureceram seu perfil acadêmico. Com eles, os educandos apresentaram conclusões importantes, tais como: descobriram que podem aprender com seus colegas; perceberam que precisam saber ouvir mais os comentários de seus amigos. Um dos pontos que surgiu com muita frequência é que foram sendo estimulados a trabalhar sua timidez; sentiram-se felizes no momento que estavam participando dos jogos e das cantigas. Penso que através dos relatos dos educandos, percebi que as conclusões apresentadas por eles foram à direção dos objetivos pensados e planejados.

Um dos aspectos que me surpreendeu no tocante a visão dos educandos no momento da apresentação dos protocolos foram eles perceberem com muita clareza que os jogos teatrais e as cantigas de roda ajudam as pessoas a buscarem melhorar seu relacionamento interpessoal.

Vários estudantes relataram que, inicialmente, estavam tímidos em participar e que aos poucos foram gostando e se envolveram com a atividade.

Com a conclusão da leitura dos protocolos, percebi que os mesmos foram fundamentais para que eu tivesse uma visão da compreensão dos educandos com relação ao trabalho desenvolvido. Logo após apresentei o plano da segunda oficina que seria aplicada com a turma. Relatei aos educandos que seria trabalhado o Jogo Teatral “Construindo uma história” e a Cantiga de Roda “Pai Francisco”.

Ao darmos início ao jogo teatral, expliquei aos educandos que a turma seria dividida em três grupos, e determinamos a ordem de apresentação na área de jogo. Expliquei a eles que deveriam elaborar uma história que tivesse início, meio e fim, havendo continuidade dos fatos. Foi esclarecido ainda, se houvesse uma pausa acentuada no momento de dar continuidade à história retornaria ao início do jogo. Informei a eles que no momento que eu batesse palmas, a história deveria ser continuada pelo colega ao lado.

Para ajudar os grupos, propus que realizassem um treino com histórias que eles conheciam e, eles utilizaram as histórias: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e A Bela Adormecida. Este momento foi bastante significativo, pois, os educandos assimilaram a dinâmica do jogo. Os três grupos tiveram dificuldades em dar continuidade aos fatos, porém, após, reforçar as orientações para os grupos, eles tiveram um bom desempenho no jogo, conseguindo suas histórias dentro dos objetivos propostos.

No momento que estava realizado a avaliação do jogo aplicado, os educandos relataram que uma das dificuldades apresentadas por eles era a falta de concentração dos membros dos grupos. O aluno Jordan falou que “gostou de participar do jogo ‘Construindo uma história’ pelo fato desta atividade fazer com que todos os colegas participem”. Relatei a ele que o objetivo era fazer com que eles percebessem o lado positivo de se trabalhar de forma coletiva.

O aluno Jerdeson expôs sua visão com relação ao jogo aplicado, o mesmo disse “que também gostou de participar e que este jogo ajuda na concentração dos alunos”. Após o comentário do referido educando, falei que para podermos assimilar os assuntos necessitamos estar concentrados. Já o aluno João Paulo disse “que gostou do jogo pelo fato do mesmo trabalhar nas pessoas que são tímidas o relacionamento com os colegas”. Conversei com eles que os jogos e as cantigas trabalham, de forma sutil, a oralidade, com isso, as pessoas tímidas vão aos poucos melhorando sua convivência em grupo. A aluna Vitória disse que “este jogo é bastante legal, pois, dar oportunidade a todos de participar”. Comentei com a turma que as

linguagens artísticas aplicadas nesta intervenção didática, buscam trabalhar com todos os componentes de um grupo, desde que eles se sentissem motivados a participar.

Dando continuidade a oficina, informei aos educandos que passaríamos agora para aplicar a cantiga de roda “Pai Francisco”. Expliquei à turma que eles deveriam dar verdade cênica às ações propostas pela cantiga. Para minha surpresa, o aluno Jordan que não quis participar da cantiga de roda trabalhada na primeira oficina, e quando perguntei o motivo de sua não participação, ele apenas disse “que não queria”, pediu para ser o primeiro a participar da cantiga e, queria ser o Pai Francisco. Fiquei bastante contente, pois, percebi o poder que as linguagens artísticas têm em envolver as pessoas, dependendo da forma como elas são trabalhadas. Acredito, a partir do momento que o professor arte-educador tiver determinação e saber conduzir a proposta de trabalho, essas linguagens podem surtir resultados positivos.

Todos os grupos estavam bastante empenhados em buscar fazer da melhor forma as ações que a cantiga propunha, tendo em vista que durante a realização de minhas cinco oficinas, constatei o avanço que os educandos tiveram em colaborar para o bom desempenho dos jogos ou das cantigas. Pois, percebia a vontade que todos apresentavam em fazer o melhor que podiam mesmo os mais tímidos, como o João Paulo e o Samon. No momento que estavam realizando a avaliação dessa atividade, o educando João Paulo falou “que gostou muito desse momento, pois, como ele é muito tímido e, vendo o envolvimento dos colegas com a cantiga de roda, ele também foi envolvido pela dinâmica da atividade”. Percebi neste aluno muita timidez em participar das ações desenvolvidas na sala, penso que possa estar faltando estímulo por parte das professoras em conduzir de maneira sutil este educando nas dinâmicas de grupo.

No geral, a maior parte dos educandos gostou da oficina. Somente a educanda Rizoneide falou que não havia gostado muito porque não houve tempo para ela ser a delegada, tendo em vista que o sinal já havia tocado e eu ainda precisava fazer a avaliação final da oficina. Portanto, apesar do descontentamento da educanda, penso que os objetivos foram alcançados tendo em vista, os educandos se envolveram de forma intensa nas atividades aplicadas.

Meu terceiro contato com a turma do 5º ano “A” da Escola Siqueira de Menezes, serviu para que eu percebesse que a partir do momento que apresentamos aos educandos nossos objetivos e, transmitimos a eles que acreditamos no potencial de cada um dos envolvidos nas atividades planejadas e que eram aplicadas com a turma, o retorno a meu ver acontece de maneira significativa.

Nossa terceira oficina iniciou com os educandos Natacha, Victória, André e Jozias apresentando os protocolos. Todos eles relataram que a oficina havia sido bastante proveitosa, tendo em vista que ainda não tinha percebido que a disponibilidade para a improvisação é fundamental para que os jogos teatrais e as cantigas de roda pudessem ser desenvolvidos de maneira criativa e dinâmica. Pois, perceberam que as aulas de Artes, em especial a Artes Cênicas – Teatro, busca desenvolver o potencial criativo que todos nós possuímos e, que infelizmente acabamos esquecendo.

Através das leituras dos protocolos, percebi que meus objetivos estavam sendo alcançados, pois, acreditava que um dos principais objetivos dos jogos teatrais e também das cantigas de roda era propor aos educandos que buscassem se expressar de maneira mais livre.

Após as apresentações dos protocolos, expliquei à turma que no primeiro momento trabalharia o jogo teatral “Espelho Meu”. Transmiti aos educandos as orientações sobre esse jogo e, dividi a turma em três grupos. Solicitei aos grupos no momento que estavam presentes na área de jogo que deveriam escolher um colega para formar dupla e, decidissem quem seria o jogador espelho e o espelhado. Para a plateia, pedi que observasse as duplas para tentar descobrir qual dos seus colegas estava sendo o espelho.

Foi um jogo bastante intenso e que envolveu bastante os educandos na dinâmica do jogo. Acredito que isso tenha ocorrido pelo fato dos mesmos necessitarem fazer uso da improvisação, haja vista, que eles não sabiam quais as ações o jogador que seria espelhado realizaria.

O segundo jogo teatral realizado nesta oficina foi “Escravo de Jó” e, para dinamizar a aplicação do mesmo, a turma foi dividida em dois grupos, sendo “A” e “B”. Como de costume, realizei um sorteio para verificar qual o grupo seria o primeiro a adentrar na área de jogo. No momento do sorteio o grupo “B”, novamente foi sorteado para iniciar este jogo.

Solicitei aos integrantes do grupo que fizesse um círculo e sentassem no chão e, em seguida colocassem um pé de seu calçado a sua frente. Após as instruções transmitidas ao grupo, realizei uma preparação antes do início do jogo. Para facilitar à passagem dos sapatos / sandálias, a canção foi escrita no quadro magnético, dando destaque aos pontos da canção onde os educandos deveriam passar o sapato / sandália a seu colega que estava sentado a sua direita.

Este jogo possibilitou aos educandos estarem concentrados aos momentos de passar o sapato / sandália para seu colega. Percebi que mesmo com os ensaios eles tiveram dificuldades de coordenação motora. Tendo em vista que, para não haver falhas no jogo, o

grupo precisava ter uma sincronia perfeita, os educandos tiveram bastantes dificuldades nos primeiros momentos, porém, com o passar do tempo, eles conseguiram ganhar ritmo e manter a concentração.

Concluído o jogo com os dois grupos, propus a eles que aplicaria a mesma atividade, porém, mudaríamos as peças do jogo. No lugar dos sapatos e sandálias, cada membro do grupo seria uma peça que deveria girar na área de jogo. Neste momento, a professora Socorro Henrique decidiu participar e interagir com a turma.

A avaliação realizada pela turma foi que, através do jogo teatral *Escravo de Jó*, eles aprenderam o quanto a coordenação motora se fazia necessária para que o jogo fluísse. A professora Socorro Henrique relatou que também ajuda o educando a perceber a lateralidade – direita e esquerda – pois, ela mesma não havia percebido que deveria girar para a direita e, com isso, atrapalhou o desempenho do grupo. A turma foi unânime em relatar que da segunda forma como o jogo foi aplicado, torna-se mais difícil, porém, mais atrativo.

Com relação à quarta oficina aplicada com os educandos da turma selecionada, percebi que ainda se faz necessário percorrer um longo caminho para que a turma perceba que no momento em que estamos aplicando um jogo teatral ou uma cantiga de roda não podemos pensar que tudo é permitido. Haja vista que, apesar de não estar escrevendo conteúdos no quadro magnético, estou trabalhando conteúdos que necessitam ser assimilados e que nos ajudam a melhorar nossa postura diante de situações que podemos vivenciá-las em nosso cotidiano.

Na realização da quarta oficina aplicada procurei trabalhar com os educandos os conteúdos observação de gestos, sonoridade, espaço e ambiente na vida cotidiana dos educandos e como transformar as experiências vivenciadas nos jogos teatrais e nas cantigas de roda em ações diferenciadas no cotidiano escolar.

Para poder aplicar o jogo “Boca de Forno”, a turma foi dividida em dois grupos e, solicitei aos educandos que elaborassem uma lista de ações para serem desenvolvidas pelos colegas do outro grupo. Após o término dos dez minutos previamente combinado com os grupos, realizei um sorteio para escolher o grupo que iniciaria o jogo. O grupo “A” foi sorteado para adentrar na área de jogo. Foi explicado a eles que seus colegas iriam determinar uma ação e todos os membros do grupo deveriam desenvolvê-la da melhor forma possível. Após o término das ações desenvolvidas pelo grupo “A”, o grupo “B” adentrou na área de jogo e desenvolveu as ações listadas por seus colegas. Percebi que os dois grupos escolheram ações que conduziam seus colegas a ficarem constrangidos ao tentar desenvolvê-las. Essas

ações pouco estimulavam os educandos a buscarem estar concentrados e poucos educandos conseguiram realizar as ações que os solistas determinavam.

Concluída a apresentação dos grupos, realizei uma avaliação para saber qual a visão da turma com relação ao jogo que fora aplicado. A turma foi unânime em dizer que o jogo não havia sido “legal”, pelo fato de eles terem buscado colocar seus colegas em situações embaraçosas. Após a avaliação do grupo, expliquei novamente como o jogo deveria ser desenvolvido e, como havia planejado anteriormente algumas ações, escolhi um grupo para realizar as ações: comer maçã do amor, fritar ovos e arrumar a cama depois de acordar. Desta vez pude perceber que os educandos conseguiram se envolver e ficaram mais livres nas ações que foram solicitadas e realizadas.

Para o outro grupo, as ações solicitadas para serem desenvolvidas foram: assistir a um jogo da seleção brasileira numa final de Copa do Mundo, estar com vontade de fazer xixi sem poder e caminhar na rua no momento de uma ventania. E, desta vez percebi que o grupo conseguiu visualizar com muita clareza as ações determinadas pelo solista e ficaram bastante empolgados. Esta atividade reforçou ainda mais minha visão sobre o trabalho que se faz necessário ser desenvolvido com mais frequência em nossas escolas, ou seja, trabalhar conteúdos atitudinais com nossos educandos. Penso que a disciplina de Artes Cênicas seja um contexto fundamental para que este trabalho aconteça. Este jogo me reportou à visão de Sandra Chacra sobre a utilização do jogo teatral, pois para ela:

O jogo teatral faz nascer um ‘texto’ por meio do desenvolvimento de uma linguagem teatral consciente, objetiva e comunicável, no instante da representação. Do mesmo modo que encontramos um caráter improvisacional na obra formalizada do teatro, encontramos um caráter formalizador no jogo improvisado. É esse aspecto que lhe confere caráter ‘textual’ no sentido de ‘comunicação’ e não somente de ‘auto-expressão’. Como exemplo deste procedimento, citamos a arte-educadora Viola Spolin, cujo sistema de trabalho com finalidade educativa serve não somente à criança, como a qualquer pessoa interessada em se expressar por meio do palco, inclusive o próprio ator (CHACRA, 2007, p. 66 - 67).

Sendo assim, observei que a utilização das linguagens artísticas em nossas aulas de Artes Cênicas conseguiu melhorar o raciocínio lógico de nossos educandos, pois propôs uma busca constante de integração com o meio em que estão inseridos.

Para finalizar nossa quarta oficina, apliquei a cantiga de roda “Mestre André” e, como a sala de aula não é um espaço amplo, a turma foi dividida em três grupos e, assim, eles foram trabalhando as ações apresentadas pela cantiga. O aluno Solano pediu que fosse introduzida uma guitarra e, assim, descobri que ele estava começando a aprender tocar este instrumento

musical. Disse a ele que gostaria de ouvi-lo tocar no momento em que tivesse conseguido aprender tocar uma música. Ele sorriu e disse que sim.

Todos os grupos gostaram desta atividade, tendo em vista que eles imaginavam tocando os instrumentos listados nesta cantiga. Com isso, a cada oficina que realizava, percebia que as professoras ficavam bastante contentes, pois conseguiam visualizar seus educandos buscarem constantemente resolver situações que lhes eram apresentadas. Principalmente a professora Socorro Henrique, que ministra a disciplina de Arte estava bastante envolvida com o trabalho que estava desenvolvendo com a turma e, sempre após as oficinas conversávamos sobre o trabalho realizado e ela me confessava que ainda não tinha pensado na possibilidade de utilizar os jogos teatrais e as cantigas com o foco que eu estava propondo.

Aos seis dias do mês de novembro, fui para a Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes com o propósito de aplicar a quinta oficina com a turma selecionada. O jogo que havia selecionado para iniciarmos nossos trabalhos era “Engrenagem Viva”. Porém, antes foram apresentados a classe os protocolos da oficina anterior pelos educandos Sabrine, Nair, Ana Karem, Luiza e Leandro. Segundo eles, tanto o jogo teatral “Boca de forno”, como também a cantiga de roda “Mestre André” foram muito legais, tendo em vista que houve muita dedicação por parte dos colegas em buscar dar verdade cênica às ações exigidas tanto no jogo como na cantiga. Segundo a educanda Luiza os jogos teatrais e as cantigas de roda fizeram com que cada membro do grupo que participou, buscasse o envolvimento, pois, “nos primeiros dias ficaram com vergonha de participar”. Contudo, “o professor Florêncio estava sempre muito bem humorado e trazia muitas brincadeiras e cantigas de roda. Alguns dos meus colegas ficaram com raiva porque não participaram, mas também gostaram das outras brincadeiras” (LUIZA, 2012).

Com a visão bastante positiva da educanda Luiza sobre o trabalho que estava desenvolvendo com a turma, percebi que o jogo teatral “Engrenagem Viva” apresentou aos educandos, em seu primeiro momento, um grau de dificuldade bastante elevado, porém, com as instruções realizadas, eles foram percebendo que deveriam entrar no jogo, pois, quanto mais demoravam a participar da atividade, seus colegas se desgastavam. Com isso, cada vez que aplicava o jogo “Engrenagem Viva”, os grupos conseguiam perceber a necessidade de ajudar o colega solucionar o problema proposto pelo jogo.

Concluída a avaliação da atividade, que segundo eles foi bastante positiva a aplicação deste jogo, apesar da timidez por parte de alguns colegas em participar do jogo, explique a



turma que havia elaborado um questionário e o mesmo precisava ser respondidos individualmente por cada um dos educandos presentes. Frisei a eles que o objetivo do mesmo era descobrir a visão que eles tiveram das oficinas aplicadas e, também, colher informações sobre a visão de cada um sobre o trabalho desenvolvido pela escola normalmente com a disciplina de Arte.

Após recolher os questionários dos educandos, expliquei a eles que aplicaria a cantiga de roda “Carneirinho Carneirão”, porém, antes de começar a aplicar a cantiga, realizei um ensaio para que eles memorizassem a letra da cantiga que seria trabalhada. Em seguida, questionei com eles o que podíamos aprender com esta cantiga. Os educandos relataram que podemos aprender a obedecer as regras, melhorar o relacionamento dos membros do grupo e também ajuda a refletir sobre a oração que necessitamos realizar diariamente. Nesse momento, o educando Antônio (nome fictício), que é participante de uma igreja protestante disse: “os católicos não oram, apenas repetem as palavras a uma tal de Ave Maria”. Percebi que havia se instalado um conflito de credo entre os educandos e, expliquei a eles que independente da minha opção religiosa, precisava haver o respeito, pois, todos nós somos livres para escolher qual religião desejamos seguir.

Por fim, apliquei a cantiga com a turma e, para minha surpresa, todos os educandos participaram ativamente, e estavam bastante envolvidos com as propostas apresentadas nesta cantiga. Conclui a oficina agradecendo a todos em terem me acolhido com tanta atenção e afeto, pois, percebi o carinho que todos passaram a ter com relação a minha pessoa. Com isso percebi que apesar das poucas horas trabalhadas com a turma do 5º ano “A”, os educandos conseguiram perceber que a disciplina de Arte Cênica é muito importante para que eles consigam melhorar o relacionamento interpessoal. E também perceberam que através do teatro podemos melhorar vários aspectos em nós, pois:

O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação. A representação ativa e integra processos individuais, possibilitando a ampliação do conhecimento da realidade (KOUDELA, 2011, p. 78).

Dessa forma, faz-se necessário um apoio maior para uma proposta educacional que envolva a utilização do teatro em nossas escolas. Pois, constata-se que através do contato dos educandos com a linguagem cênica, eles conseguem desenvolver seu potencial de expressão e de comunicação. Sendo assim, penso que nossas instituições de ensino necessitam rever a maneira como estão desenvolvendo o trabalho com o teatro, tendo em vista que seu uso pode proporcionar aos educandos a conhecerem a realidade em que vivem.

Analisando os questionários respondidos pelas professoras que trabalham na Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes no primeiro turno, verifiquei que todas elas ainda não tiveram oportunidade de participar de uma formação específica voltada à disciplina de Artes. Elas apenas estudaram alguns aspectos desta disciplina no momento em que estavam cursando a graduação em Pedagogia. Porém, penso que não conseguem assimilar a verdadeira amplitude dessa disciplina no ambiente escolar.

No tocante ao trabalho que as educadoras desenvolvem com os educandos no âmbito da escola na disciplina de Artes, elas relataram que propõem atividades criativas, aulas teóricas, exibição de filmes, confecção de alguns objetos, pinturas e movimentos corporais. Uma das educadoras fez o seguinte relato sobre a disciplina de Artes: “percebe que nesta disciplina as crianças ficam empolgadas, pois, é neste momento que elas expressam toda sua criatividade”. Dessa forma, percebi que através do relato, ela sabe que no momento em que possibilita aos educandos aulas planejadas e que conduzem à reflexão, os mesmos ficam envolvidos.

Com relação ao envolvimento e a participação dos educandos na disciplina de Artes, as professoras falaram que as crianças têm oportunidade de expressar seus sentimentos e emoções, seja em um simples desenho ou em brincadeiras. Falaram ainda que possuem necessidades de desenvolver trabalhos que visem uma melhor socialização entre os grupos. Perceberam também, o quanto precisam conduzir seus educandos a realizarem trabalhos em grupo e, assim, melhorar o relacionamento entre eles.

Todas as educadoras acreditam que o trabalho com jogos teatrais e com as cantigas de roda é útil para a formação dos educandos, pois essas linguagens artísticas possibilitam a eles contribuírem de maneira honesta e verdadeira nas aulas de Artes Cênicas. Sendo assim, os jogos teatrais e as cantigas de roda estimulam processos de aprendizagem que contribuem para a formação de sujeitos autônomos, capazes de interagir no ambiente que vive, estimulando a criatividade e a concentração.

Constatei ainda através dos questionários respondidos pelas professoras que o trabalho com as cantigas de roda contribui com a aprendizagem dos educandos, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e sócio-afetivo. Verifiquei também, que em relação ao trabalho com jogos teatrais com os educandos, um número pequeno de professoras relatou que trabalha com jogos, porém, sem ter conhecimento da gama de conteúdos que podem ser abordados com eles. No tocante às cantigas de roda, todas relataram

que trabalham esta linguagem artística, porém, como já relatei anteriormente, sem jamais conduzir seus educandos para o fazer teatral.

Ao concluir a análise dos questionários das professoras que atuam no primeiro turno da escola selecionada, verifiquei que os maiores desafios encontrados por elas, para desenvolver os conteúdos da disciplina de Artes são: a falta de espaço físico adequado; garantir de imediato a atenção voltada ao trabalho; a grande resistência dos educandos em realizar os trabalhos propostos e a falta de conhecimento específico das professoras para trabalharem os conteúdos desta disciplina, tendo em vista, não ser oferecida capacitação que norteie o trabalho dos educadores nas aulas de Artes.

### 3. CONCLUSÃO

Destarte, o trabalho que desenvolvi com as linguagens artísticas Jogos Teatrais e Cantigas de Roda, com os educandos do 5º ano “A”, que estudam na Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, foi bastante gratificante. Tendo em vista que, no tocante aos objetivos que havia me proposto a alcançar, acredito que os atingi como descreverei adiante, apesar das dificuldades que enfrentei no decorrer do percurso que havia planejado para a realização das cinco oficinas. Pois, a escola supra mencionada havia planejado outras atividades e com isso, meu tempo ficou um pouco apertado para realizar os registros das cinco oficinas que apliquei com a turma, as quais totalizaram dez horas de trabalho. Porém, penso que essas dificuldades existem para que nós tenhamos persistência e compromisso com o trabalho que buscamos desenvolver.

Pude perceber que meus objetivos foram alcançados através dos depoimentos dos educandos, que, a cada oficina que aplicava, relatavam-me que a aula havia sido “muito boa”, pois, apesar de terem conhecimento das cantigas de roda, elas ainda não tinham sido trabalhadas desta maneira. Outro aspecto bastante relevante que destaco, foi a postura dos educandos no primeiro contato com os jogos e as cantigas, tendo em vista que estavam um tanto tímidos em participar ativamente das atividades planejadas. Com o desenvolvimento das oficinas, percebi que eles estavam bem mais envolvidos com a proposta que havia elaborado para desenvolver com a turma. Percebi que todos eles gostaram das aulas de Arte quando propus atividades que proporcionaram a interação.

Retomando meus objetivos, penso que pude proporcionar aos educandos perceberem que os jogos teatrais e as cantigas de roda estimulam o trabalho coletivo, tendo em vista que ao aplicar as oficinas, eles descobriram que a partir do momento que pensam em desenvolver um comando proposto pelo jogo ou pela cantiga da melhor forma possível, o trabalho do grupo sairá melhor, eles descobrem o quanto a turma precisa estar unida para melhorar seus conhecimentos, um ajudando ao outro. Com isso quem ganha é a turma.

No tocante ao objetivo de coletar os jogos teatrais e as cantigas de roda, que foram e ainda são utilizadas na escola Siqueira de Menezes, localizada no município de Sena Madureira – Acre, através da entrevista realizada com a professora Wanda Motta, que atua como coordenadora pedagógica da escola mencionada, a mesma relatou-me que as

professoras trabalham os jogos: amarelinha, pula corda, cabo de guerra, queimada, vivo morto e boneca de lata. Porém, sem conduzir os educandos a utilizarem o fazer teatral nessas brincadeiras. A mesma disse que o pouco que observou das oficinas que apliquei e também das conversas realizadas com suas colegas professoras, elas buscarão trabalhar a disciplina de arte de forma contextualizada e visando sempre proporcionar os educandos uma reflexão sobre sua ação, pois, perceberam que, no momento em que aplicava os jogos teatrais ou as cantigas de roda, eu buscava conduzir os educandos a sempre refletirem sobre o trabalho desenvolvido e, relacioná-los com as ações vivenciadas no cotidiano.

Com relação à forma que os jogos teatrais e as cantigas de roda são trabalhados na Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, onde desenvolvi meu trabalho, pude perceber que, com relação aos jogos teatrais, as professoras trabalham, porém, não têm o conhecimento do nome Jogo Teatral. Alguns jogos que elas relataram e que desenvolvem em suas salas são: amarelinha, pula corda, cabo de guerra, queimada, vivo morto, terra mar e boneca de lata. Porém, não eram aplicados levando em consideração os aspectos teatrais.

Em uma conversa, com as outras professoras lotadas no primeiro turno da escola supra citada, pediram-me que também aplicasse os jogos teatrais e as cantigas de roda em suas turmas, tendo em vista que seus educandos estavam bastante ansiosos para vivenciarem este tipo de atividade no ambiente escolar. Relatei às mesmas que não dispunha de tempo para desenvolver o mesmo trabalho com suas turmas, tendo em vista que necessitava cumprir meu plano de trabalho. Porém, irei acertar com a equipe gestora da escola, para verificar em que momento poderei aplicar oficinas com as professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, com o objetivo de proporcionar um novo direcionamento de como trabalhar a disciplina de Arte, no tocante aos trabalhos com a Artes Cênicas – Teatro, pois, percebi que elas têm vontade de trabalhar de forma diferente a disciplina de Arte, porém não possuem conhecimento para isso.

Com relação ao objetivo de aplicar jogos teatrais e cantigas de roda que ainda não foram trabalhados na escola selecionada para realização do meu projeto final de conclusão de curso, em conversa com a coordenadora pedagógica Wanda Motta, quando apresentei meu plano de trabalho a ela, perguntei se os mesmos já haviam sido trabalhados com a turma. Ela relatou-me que eu poderia aplicar meu plano na íntegra, pois, a turma ainda não tinha vivenciado os jogos teatrais e as cantigas de roda que eu havia planejado.

Fazendo uma auto-avaliação do trabalho que desenvolvi com a turma selecionada, acredito que proporcionei aos educandos aulas de Artes Cênicas bastantes criativas, em que perceberam que elas trabalharam gestos, movimentos, percepção rítmica e, também, são bastante alegres e buscam fazer com que o grupo viva em harmonia. Pois, eles foram unânimes em relatar que gostaram muito do trabalho que desenvolvi. Dessa forma, penso que consegui apresentar aos educandos que vale apenas buscar valorizar a pessoa do outro. Algo que me deixou bastante emocionado, foi que encontrei educandos que tinha trabalhado anteriormente em outra escola, no momento em que estava estudando a disciplina de Estágio 3 e eles me abraçaram e disseram que gostavam muito das aulas que eu aplicava e, perguntaram-me se eu iria trabalhar novamente com eles.

Penso que a partir dos jogos selecionados proporcionei à turma perceber o quanto é prazeroso vivenciar atividades teatrais. Com isso, acredito que eles constataram que através das “brincadeiras” podemos aprender conhecimentos valiosos para a nossa vida.

Acredito que, ao conduzir os educandos a compreenderem que os jogos teatrais e as cantigas de roda promovem o desenvolvimento da criatividade, e que este objetivo tenha sido bastante refletido nas oficinas aplicadas, pois, como já mencionei anteriormente, o educando João Paulo expôs para a turma que era muito tímido, porém, através das observações que realizou de seus colegas participando das atividades, começou a se envolver cada vez mais. Dessa forma, conseguiu desenvolver as ações propostas pelos jogos e pelas cantigas aplicadas com a turma.

Julgo que, ao proporcionar aos educandos a participação e o envolvimento nos jogos teatrais e nas cantigas de roda, desenvolvendo a atenção e a observação, como já relatei os educandos a cada oficina que aplicava, melhoravam o poder de concentração, pois estavam mais atentos aos comandos que realizava. Com isso, passaram a cumprir as regras que eram apresentadas antes das aplicações dos jogos e das cantigas.

Ao estimular os educandos a observarem, apreciarem e analisarem os trabalhos desenvolvidos por outro grupo, penso que, através dos protocolos que foram sendo desenvolvidos pelos educandos, a cada oficina que aplicava, passaram a ouvir melhor a opinião dos colegas. Principalmente em relação à postura dos grupos no momento em que os jogos e as cantigas estavam sendo aplicadas. Assim, passaram a olhar de forma positiva o trabalho desenvolvido por seus colegas.

No tocante aos jogos teatrais, pude perceber que os educandos não tinham conhecimento da forma como os jogos necessitavam ser aplicados. E, nem tampouco, que as

aulas de Artes Cênicas poderiam ser trabalhadas desta forma que conduz os educandos a movimentar-se e interagir com o grupo, tendo em vista que a cada oficina aplicada, percebia que os educandos haviam assimilado um pouco do que eu havia trabalhado. Um exemplo disto foi que na primeira oficina que eu apliquei, eles queriam falar todos ao mesmo tempo. Porém, penso que através das regras que os jogos teatrais e as cantigas de roda aplicadas com os mesmos, eles puderam perceber que se faz necessário obedecermos às regras para que a convivência possa acontecer de forma harmoniosa.

No tocante a visão que as professoras possuem sobre a disciplina de Arte, em especial ao fazer teatral, elas buscam desenvolver dramatizações com foco nas datas comemorativas. Ouvi o relato de uma delas, que a disciplina deveria ser mais bem trabalhada. Assim, usarei o depoimento da professora Mônia Pereira de Lima que trabalha com a turma do 4º ano “A”, para contribuir com minha conclusão. Pois, segundo a mesma, “quando estava cursando a graduação em Pedagogia, na modalidade EaD, os fascículos que abordavam a disciplina de Arte são riquíssimos. E, ao perceber a forma como você está trabalhando, busquei este material para dar-me suporte nas minhas aulas de arte. Percebo ainda que uma grande maioria dos professores lotados com esta disciplina não possuem perfil de arte educador” (MÔNIA, 2012).

Com este depoimento, penso que em alguns momentos os educadores que atuam na escola selecionada possuem o conhecimento de que o trabalho desenvolvido não está sendo realizado da maneira que deveria. Porém, as exigências são focadas principalmente em Língua Portuguesa e Matemática e, com isso, as demais áreas do currículo escolar ficam sendo trabalhadas sem muita contextualização.

Penso que este fato esteja acontecendo em decorrência dos educadores da escola em que apliquei as oficinas sentirem-se inseguros em como desenvolver um trabalho de forma integrada, pois acredito que existam infinitas possibilidades para trabalharmos a interdisciplinaridade. Talvez o que esteja faltando seja um direcionamento, pois, verificando os Referenciais Curriculares propostos para os anos iniciais do Ensino Fundamental I, elaborado pelo Instituto Abaporu de Educação e Cultura, existe a proposta de trabalhar apenas dois eixos da disciplina de Artes, sendo: Artes Visuais e Música, deixando fora dessa proposta de trabalho os eixos do Teatro e da Dança. Penso que cabe a nós que estamos nos capacitando para atuar como arte-educadores, começarmos a mudar o direcionamento que a disciplina de Artes Cênicas necessita tomar nos anos iniciais do ensino fundamental.

Por fim, acredito que os resultados alcançados com o desenvolvimento deste trabalho com os educandos do 5º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, tenham sido proveitosos, tendo em vista que, pude constatar o crescimento dos mesmos em relação à forma de se relacionarem com seus colegas, haja visto que, a professora Socorro Henrique, que trabalha com esta turma as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Ciências e Religião, relatou-me que ainda não tinha percebido o quanto a disciplina de Arte pode desenvolver atitudes que ajudam a melhorar a convivência da turma. Ela frisou, ainda, que seus alunos passaram a ficar mais atentos às suas indagações e buscaram uma maior concentração. Já em conversa com a professora Edicilda Brito de Alencar que trabalha as disciplinas de Matemática, História, Geografia e Educação Física, ela nunca tinha pensado em realizar dinâmicas dividindo a turma em dois grupos. Percebeu que, da forma como desenvolvi ficou bem melhor os educandos ficaram mais atentos e concentrados aos comandos que realizava. Portanto, acredito que através do trabalho que desenvolvi, tenha proporcionado aos educandos e às professoras regentes, perceberem que os jogos teatrais e as cantigas de roda têm o potencial de tornar o ambiente escolar mais agradável, possibilitando aos participantes criarem um ambiente mais feliz e alegre, onde haja o respeito às individualidades de cada membro do grupo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Joana. Texto: **Jogo, Teatro e Folguedos Populares**. Texto produzido especificamente para disciplina de Pedagogia 1, 2010, (s.n.p.).

ABREU, Ana Rosa et al. **Alfabetização : livro do aluno** 3ª ed. ver. e atual. / Ana Rosa Abreu... [et ali.] Brasília : Brasília : FUNDOESCOLA/SEF-MEC, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In : \_\_\_\_\_ **Arte/educação contemporânea : consonâncias internacionais** / Ana Mae Barbosa (org.) – 2.ed. – São Paulo : Cortez, 2008. cap. 2, p. 98 – 112.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **III Coletânea de Normas para o Ensino Fundamental e Médio**, Rio Branco – Acre, 2002.

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral** / Sandra Chacra. – São Paulo : Perspectiva, 2007. – (Debates; 183 / dirigida por J. Guinsburg)

FERREIRA, Marielise. **A Hora da Escola : jogos e atividades pedagógicas para aprender brincando**. Marielise Ferreira. – Erechim, RS : EDELBRA.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na educação escolar** / Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz e Maria Felisminda de Rezende e Fusari. – 4. ed. – São Paulo : Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo : Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro** / Ricardo Ottoni Vaz Japiassu. – Campinas, SP : Papyrus, 2001. – (Coleção Ágere)

\_\_\_\_\_. **A linguagem teatral na escola: Pesquisa, docência e prática pedagógica** / Ricardo Ottoni Vaz Japiassu. – Campinas. SP : Papyrus, 2007. – (Coleção Ágere)

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. Ingrid Dormien Koudela. – São Paulo : Perspectiva, 2011. – (Debates; 189 / dirigida por J. Guinsburg)

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar** / Libéria Rodrigues Neves, Ana Lydia Bezerra Santiago. – Campinas, SP : Papyrus, 2009. – (Coleção Ágere)

**Origem e Características das Cantigas de Roda**. Disponível em: <[http://cantigas-de-roda.info/mos/view/Origem\\_e\\_Caracter%C3%ADsticas\\_das\\_Cantigas\\_de\\_Roda/](http://cantigas-de-roda.info/mos/view/Origem_e_Caracter%C3%ADsticas_das_Cantigas_de_Roda/)>. Acesso em: 07 ago.2012.

**Parâmetros Curriculares Nacionais : arte** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3.ed. – Brasília : A Secretaria, 2001.

PERRENOUD, Philippe. Dominar a distância cultural na relação com o saber, com a estética e com a norma. In : \_\_\_\_\_. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Philippe Perrenoud. – Porto Alegre. Artmed, 2000. cap. 4, p. 71 – 84.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais : o fichário de Viola Spolin** / Viola Spolin; tradução Ingrid Dormien Koudela. – 2 ed. – São Paulo : Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. Viola, 1906 – 1994. **Jogos teatrais para a sala de aula : um manual para o professor** / Viola Spolin; [tradução Ingrid Dormien Koudela] – 2. ed. São Paulo : Perspectiva, 2010.

ANEXOS

**ANEXO A – Planos das Oficinas; Detalhamento do Plano das Oficinas; Questionário das Professoras; Questionário dos Educandos; Relatório das Oficinas.**

**PLANO DAS OFICINAS**

**IDENTIFICAÇÃO**

**PROFESSOR:** Florêncio Valamira Fernandes Neto.

**ESTABELECIMENTO:** Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes.

**DISCIPLINA:** Arte.

**CONTEÚDO:** Improvisação desenvolvida a partir de jogos teatrais e cantigas de roda, reconhecendo e utilizando recursos da fala, dos gestos e do espaço.

**ANO:** 5º “A”

**CARGA HORÁRIA:** 10h.

**TEMA:** Jogos Teatrais e cantigas de roda

**OBJETIVO GERAL**

- Aplicar Jogos Teatrais e Cantigas de Roda aos educandos do 5º ano “A” da escola selecionada e conduzi-los a experimentar e explorar os jogos teatrais e cantigas de roda.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Permitir aos educandos que explorem as várias possibilidades de expressão através da linguagem verbal e não verbal com o uso de jogos teatrais e as cantigas de roda;
- Desenvolver alguns jogos teatrais e cantigas de roda que oportunizem uma participação ativa dos educandos;
- Perceber que os jogos teatrais e as cantigas de roda estimulam o trabalho coletivo.

**DESENVOLVIMENTO E ATIVIDADES**

1. Roda de aquecimento para instigar os alunos sobre o conhecimento prévio dos mesmos em relação aos jogos teatrais e cantigas de roda;
  - Auto Apresentação;
2. Participação em jogos teatrais, alternando a participação como atuantes e como plateia, ou seja, como emissores e receptores da comunicação teatral.
  - Jogo da Bola (Ficha A9) e A canoa virou;
  - Construindo uma história e Pai Francisco;
  - Espelho Meu e Escravo de Jó;
  - Boca – de – Forno e Mestre André;

- Engrenagem viva e Carneirinho, carneirão.

### **RECURSOS METODOLÓGICOS**

- Texto fotocopiado;
- Pincel atômico;
- Quadro magnético;

### **AVALIAÇÃO**

- Propostas que permitam identificar / compreender como o educando:
  1. é capaz de sintetizar as observações que realiza no mundo natural e na sua cultura em falas e gestos próprios para os jogos teatrais e cantigas de roda;
  2. participa cooperativamente na organização dos jogos teatrais e das cantigas de roda, identificando os diversos elementos e sua integração;
  3. estabelece relações de respeito, compromisso e reciprocidade com o próprio trabalho e com o trabalho de colegas no momento da realização dos jogos teatrais e das cantigas de roda;
  4. analisar as recíprocas influências que as mídias exercem no universo das crianças e adolescentes no tocante aos jogos teatrais e as cantigas de roda.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

1. **JAPIASSU**, Ricardo Ottoni Vaz. Metodologia do Ensino de Teatro / Ricardo Ottoni Vaz Japiassu. – Campinas, SP : Papyrus, 2001. – (Coleção Ágere).

2. **SPOLIN**, Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin / Viola Spolin; Tradução de Ingrid Dormien Koudela. – 2ª Ed. – São Paulo : Perspectiva, 2006.

## **DETALHAMENTO DO PLANO DAS OFICINAS**

### **Plano da Oficina N° 01**

#### **1. IDENTIFICAÇÃO**

- Oficina 1;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes;
- Disciplina: Arte;
- Ano: 5º;
- Dia: 24 – 10 – 2012.
- Horário: 10h e 15min. às 12h e 15min.
- Quantidade de Alunos:

#### **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

1. Identificar os Jogos Teatrais e cantigas de roda como linguagens artísticas que conduzem ao desenvolvimento pessoal;
2. Extrair dos educando exemplos de Jogos Teatrais e cantigas de roda;
3. Conduzir os educando a respeitarem a opinião expressa por seus colegas;
4. Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda.

#### **3. CONTEÚDOS / TEMAS**

1. Relação entre Teatro e Educação;
2. Jogo teatral e cantiga de roda.

#### **4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO**

**1. Dinâmica de apresentação dos participantes; 10'**

**1.1** – Solicitar aos alunos que se sentem no chão formando um círculo;

**1.2** – Pedir que cada um se apresente ao grupo dizendo nome, idade e falar um pouco de atividades e coisa que gosta de fazer, etc;

**1.3** – Apresentar-se aos alunos após todos terem falado, contando um pouco sobre si mesmo;

**1.4** – Responder quaisquer perguntas dos estudantes.

**2. Apresentação da aula a ser trabalhada; 5'**

**3. Escolha de voluntários que ficarão responsáveis em registrar a memória da oficina; 05'**

**4. Sondagem para verificar os conhecimentos prévios em relação ao assunto a ser trabalhado; 10'**

**5. Formar cinco grupos para a listagem dos jogos teatrais que eles conhecem ou que já brincaram; 10'**

**6. Apresentação dos trabalhos à turma; 15'**

**7. Aplicar o jogo teatral – Jogo da Bola (Ficha A9) e a cantiga de roda “A canoa virou”; 25'**

**❖ JOGO DA BOLA – FICHA A9**

**PREPARAÇÃO:** O coordenador fará a leitura das instruções do jogo que existe no Manual de Instrução para assim poder conduzir o jogo com maior propriedade.

**FOCO:** Manter a bola no espaço e não na cabeça.

**DESCRIÇÃO:** Divida o grupo em dois grandes times. Um time é a plateia. Depois inverta as posições. Se estiver trabalhando individualmente dentro de cada time, cada jogador começa a jogar a bola contra uma parede. As bolas são todas imaginárias, feitas de substância



do espaço. Quando os jogadores estiverem todos em movimento, a instrução deverá mudar a velocidade com que as bolas são jogadas.

**INSTRUÇÃO:** (Modifique a velocidade da fala para combinar com a instrução: por exemplo, ao dar a instrução para que a bola se movimente em câmera lenta, fale em câmera lenta.) A bola está se movendo muuuuito, muuuuuuuuuuito lentamente! Pegue a bola em câmera muito lenta! Agora a bola se move normalmente! Use o corpo todo para jogar a bola! Mantenha o seu olho na bola! Agora muito rápido! Jogue a bola o mais rápido que você puder! Para trás e para frente tão rápido quanto puder! Normal de novo. Agora novamente em câmera muuuuuuuuuuito leeeentaaaaaaa! Dê o tempo para que a bola percorra o espaço! Veja o caminho que a bola percorre no espaço! Muito bem, agora em ritmo normal novamente!

**AVALIAÇÃO:** Jogadores, a bola estava no espaço ou em suas cabeças? Plateia, vocês concordam com os jogadores? A bola estava nas suas cabeças ou no espaço? Jogadores, vocês viram o caminho que a bola percorreu no espaço? Plateia, vocês concordam?

## NOTAS

1. O jogador sabe quando a bola está no espaço ou na sua cabeça. Quando ela está no espaço ela aparece tanto para o jogador como para a plateia.
2. A bola estava no espaço ou nas suas cabeças? Feitas para os jogadores é importante porque ela coloca a responsabilidade na plateia de observar a realidade do objeto no espaço. A plateia é tão responsável por manter o FOCO quanto o time que está jogando.
3. Após a avaliação do primeiro time, faça o próximo time jogar. O segundo time se beneficiou da avaliação do primeiro time?
4. Dê a instrução com energia durante o jogo, enfatizando o uso do corpo todo para manter a bola em movimento. Os jogadores devem terminar o jogo com todos os efeitos físicos de um jogo de bola (quentes, sem fôlego etc.)
5. As palavras usadas pelo coordenador-instrutor na apresentação deste jogo devem ser cuidadosamente escolhidas. Não se deve pedir que os jogadores façam de conta ou imaginem. Os jogadores são simplesmente orientados a manter a bola no espaço e não em suas cabeças.

6. Quando a bola aparece ela pode ser vista como se uma bola real estivesse sendo usada. Todos saberão quando isto acontece.

7. Para maiores informações sobre “Fora da Mente! No Espaço!” veja o Manual, p.57.

### **ÁREAS DE EXPERIÊNCIA**

- Parte do Todo: Interação;
- Objeto no Espaço: Tornando Visível o Invisível;
- Jogo de Playgroud;
- Aquecimento Ativo;
- Comunicação Não-Verbal;
- Movimento Físico e Expressão.

#### **❖ A canoa virou – FERREIRA, 1997, p.11.**

A canoa virou

Por deixar ela virar

Foi por causa da Maria

Que não soube remar.

Se eu fosse um peixinho

E soubesse nadar

Eu salvava a Maria

Lá do fundo do mar.

**INSTRUÇÕES:** Os alunos formam uma roda com o rosto voltado para o seu centro e iniciam a canção. Um aluno é sorteado para ser o peixinho e fica “nadando” no centro da roda. Na primeira estrofe, quando for citado o nome de um dos alunos que estão na roda, este deve inverter sua posição, voltando as costas para o centro da roda, mas mantendo seu lugar de mãos dadas com os colegas. Na segunda estrofe, o peixinho salva a criança que está de

costas, retirando-a da roda. A criança que estava de costas toma o lugar do peixinho, que volta para a roda. A canção continua, citando o nome de uma outra criança para ser salva pelo peixinho. Todas as crianças deverão ter seu nome citado para participar da brincadeira.

8. Reflexão, avaliação e término da aula – Refletiremos sobre o conteúdo abordado na aula e os alunos serão estimulados a registrarem os conhecimentos adquiridos no decorrer da aula. A participação ativa dos educando nas atividades contará como avaliação dos mesmos. **10'**

## **5. RECURSOS**

1. Quadro magnético;
2. Pincel atômico;

## **Plano da Oficina N° 2**

### **1. IDENTIFICAÇÃO**

- Oficina 2;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes;
- Disciplina: Arte;
- Ano: 5° Turma: A;
- Dia: 25 – 10 – 2012.
- Horário: 10h e 15min. as 12h e 15min.
- Quantidade de Alunos:

### **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

1. Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda;
2. Conduzir os educando a atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas;
3. Conduzir os educandos a descobrirem ou redescobrirem o prazer de participar dos jogos teatrais e das cantigas de roda.

### 3. CONTEÚDOS / TEMAS

1. Como praticar um jogo teatral ou uma cantiga de roda;
2. O que o jogo teatral e a cantiga de roda podem proporcionar no cotidiano.

### 4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO

1. Apresentação da aula; **5'**
2. Retomar as reflexões apresentadas na aula anterior sobre o conceito de jogo teatral. Serão utilizados os estudos de Viola Spolin e Ricardo Japiassu sobre os jogos teatrais em sala de aula; **05'**
3. Apresentar os protocolos elaborados pelos educandos previamente definidos na oficina anterior; **15'**
4. Realização do jogo teatral “Construindo uma história”, apresentado no livro Metodologia do ensino do teatro / Ricardo Japiassu, 2001, p.99; e a cantiga de roda “Pai Francisco”. **30'**

❖ **Construindo uma história – JAPIASSU, 2001, p.99.**

**Precondição:** platéia de jogadores.

**Foco:** atenção total às palavras durante a narração de uma história.

**Descrição:** divide-se o grupo em equipes. Defini-se a ordem de apresentação das equipes na área de jogo. A equipe se senta em círculo na área de jogo. O (a) professor (a) pede aos jogadores que decidam (ou determina aleatoriamente) um participante da equipe para começar a contar uma história qualquer, que pode ser já conhecida de todos ou criada naquele momento. Num ponto qualquer da narração do primeiro jogador, o professor escolhe aleatoriamente um outro jogador que deve imediatamente continuar a história a partir de onde o jogador anterior foi interrompido. Por exemplo: o primeiro jogador diz “O vento arrancou...” e o segundo jogador completa “...o chapéu de sua cabeça”. Os jogadores que continuam a história não devem repetir a última palavra da narração do jogador que os antecedeu. A seguir, propor que a história seja continuada pelos jogadores sem determinação prévia de quem irá continuá-la.

**Instruções do (a) professor (a) durante a atividade da equipe na área de jogo:** (se for necessário) tente evitar que a história pare! Procure continuar narrando! Tente não planejar o que vai dizer! Vamos nos esforçar para desenvolver a história em conjunto! São vocês que fazem a história! Tentem não deixar ocorrerem interrupções na narração! Procurem fazer com que todos ouçam sua voz!

**Avaliação coletiva e auto-avaliação:** os jogadores da equipe conduziram a narração para um determinado desfecho ou se deixaram levar pelas palavras à medida que elas surgiam? Havia uma unidade na narração, como se fosse uma história contada por uma única pessoa? A história se manteve em constante processo ou era interrompida com silêncios, pausas, risadas? Como a gente pode chamar esse tipo de atividade que acabou de ser realizada? Com que outras atividades ela se parece? Como cada um se sentia participando da atividade? Qual era a principal preocupação de todos durante a atividade/ Foi divertido participar da atividade?

**Esclarecimentos aos professores:**

1. Para manter a energia do grupo totalmente engajada no processo, o(a) professor(a) deve surpreender os jogadores no meio de uma idéia ou frase ou palavra.
2. O planejamento do que se vai narrar fragmenta a história e rouba a atenção do jogador do processo lúdico de manter a narração fluindo. Alertar os jogadores para não planejar o que vão dizer. A espontaneidade resulta unicamente quando os jogadores se “ligam” no momento e nas palavras da história que está sendo contada.
3. Muitos jogadores começam suas narrações com “e...”, isso indica que o(a) professor(a) não está conseguindo manter o grupo atento às regras do jogo, ou seja, às palavras que estão sendo ditas durante a narração espontânea da história.

**Instruções adicionais do(a) professor(a) durante a atividade da equipe na área de jogo:**

1. Solicitar aos jogadores que contem a história “bem devagar”. Em seguida, pedir que retomem o ritmo normal da narração. Mudar a velocidade de narração de um jogador

para outro até que a história possa ser narrada como se uma só pessoa a estivesse contando.

2. Fazer com que o jogador que tenha dificuldade em encontrar palavras para seguir com a narração diga apenas algumas poucas palavras inicialmente, passando imediatamente a designar outro jogador no grupo, sem chamar a atenção para a dificuldade daquele jogador. Ficar atento a esses jogadores e não permitir que digam muitas palavras quando for sua vez, até que percam o medo de “falhar” ou se expor. Quando o medo do jogador for dissipado, ele entrará livre para jogar.
3. Para melhor avaliação, sugere-se gravar o áudio das histórias do grupo.
4. Este jogo se presta a muita variação em suas regras. Espera-se que cada professor (a) possa introduzir novas regras àquelas próprias ao jogo.

❖ **Pai Francisco – SPOLIN, 2010, p.171.**

**Descrição:** O ritmo da música é marcado com palmas. Com as mãos dadas os jogadores formam um círculo. Um dos jogadores permanece do lado de fora, representando o Pai Francisco. A roda canta os versos:

Pai Francisco entrou na roda

Tocando seu violão

Da ra rão dão dão (Bis)

Vem de lá seu delegado

E Pai Francisco vai pra prisão.

O jogador que ficou fora da roda aproxima-se bem da mesma, requebrando-se todo, enquanto a roda continua:

Como ele vem

Todo requebrado

Parece um boneco

Desengonçado.

Então o jogador entra na roda e escolhe outro para ser o novo Pai Francisco.

## **5. RECURSOS**

1. Ficha contendo as instruções dos jogos teatrais a serem aplicados;
2. Quadro magnético;
3. Sala ampla onde as carteiras serão dispostas nas laterais, permitindo um amplo espaço no centro.

### **Plano da Oficina N°.03**

#### **1. IDENTIFICAÇÃO**

- Oficina 03;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes;
- Disciplina: Arte;
- Ano: 5º “A”
- Dia: 26 – 10 – 2012.
- Horário: 10h e 15 min. às 12h e 15min.
- Quantidade de Alunos:

#### **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

1. Identificar os benefícios do jogo teatral;
2. Desenvolver jogos teatrais moderados e cantigas de roda que oportunizem participação ativa dos educandos;
3. Atuar de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais.

#### **3. CONTEÚDO / TEMAS**

1. Observação de gestos, sonoridades, espaços e ambientes na vida cotidiana dos alunos;
2. Expressão de opiniões, verbalmente ou por escrito, sobre os jogos teatrais, com clareza e critérios fundamentados sem discriminação estética ou étnica;

3. Como transformar a experiência vivenciada nos jogos teatrais em ações diferenciadas no cotidiano.

#### 4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO

1. Revisão dos conteúdos aplicados no decorrer das aulas; **10'**
2. Realização de novos jogos teatrais dispostos no fichário Viola Spolin; **40'**

##### ❖ **ESPELHO – MEU – JAPIASSU, 2001, p.113.**

**Precondição:** platéia de jogadores. Número par de participantes.

**Foco:** “refletir”, como se fosse a imagem num espelho, os movimentos executados pelo parceiro de jogo.

**Descrição:** o grupo é dividido em grandes equipes com número par de jogadores. Define-se a ordem de apresentação das equipes na área de jogo. A equipe é subdividida em duplas. Numa dupla, um jogador será o “espelho” do outro. Cada dupla define quem será “espelho” e quem será “espelhado” primeiro. Solicita-se ao jogador-espelhado que procure desenvolver em frente de seu “espelho” uma ação qualquer. O (a) professor (a) explica que o jogador-espelhado deve inicialmente fazer movimentos lentos para facilitar a tarefa do parceiro-espelho. Pede-se às equipes que evitem qualquer forma de comunicação utilizando palavras. Depois de certo tempo de jogo, a um sinal do (a) professor (a), invertem-se os papéis (quem é “espelho” passa a ser “espelhado” e vice-versa).

**Instrução do (a) professor (a) durante a atividade da equipe na área de jogo:** espelho procure seguir os movimentos do parceiro da maneira mais fiel que puder! Tente desenvolver uma ação que lhe seja familiar em frente ao espelho! Procure ser o espelho de seu parceiro! Tente se manter ocupado fazendo coisas simples diante do espelho! Procure evitar movimentos bruscos! Tente de fato “se ver” no seu “espelho”!

**Avaliação coletiva e auto-avaliação:** o jogador-espelho acompanha prontamente o jogador-espelhado? Quando o jogador-espelhado usa a mão direita qual a mão usada pelo jogador-espelho? Os jogadores-espelhos conseguem identificar as ações desenvolvidas pelo parceiro que estava espelhando? O que é necessário acontecer para



que essa atividade funcione? As equipes conseguiram sincronizar os movimentos? Como você se sentiu sendo “espelho”? E sendo “espelhado”?

❖ **ESCRAVO DE JÓ – JAPIASSU, 2001, p. 126.**

**Precondição:** plateia de jogadores.

**Foco:** sincronizar o movimento de passar o sapato com as palavras de uma canção.

**Descrição:** divide-se o grupo em grandes equipes. Sorteia-se a ordem de apresentação das equipes na área de jogo. Os jogadores da equipe se sentam em círculo na área do jogo, voltados para dentro da roda. Cada participante da roda deve ter apenas um de seus sapatos no chão, a sua frente. O (a) professor (a) apresenta a canção “Escravo de Jô”, explicando que, nas partes da canção assinaladas a seguir, todos deverão colocar o sapato na frente do colega a sua direita. Assim procedendo, todos terão sempre um sapato a sua frente. As partes assinaladas da canção nas quais deverão passar o sapato estão discriminadas em negrito:

Escravo de **Jô**

Jogavam caxangá

Tira, põe, **deixa ficar**

Guerreiros com guerreiros

Fazem **zig-zig-zá**

**Instruções adicionais do (a) professor (a) para o desenvolvimento da atividade:** após a primeira rodada, o (a) professor (a) apresentará as seguintes instruções para as rodadas seguintes:

1. Cantar só com “lá-lá-lá” durante a passagem dos sapatos;
2. Cantar só com “hum-hum-hum” durante a passagem dos sapatos;
3. Cantar “em silêncio” ouvindo-se apenas o ritmo da passagem dos sapatos;
4. No primeiro zig, do zig-zig-zá, o sapato não será passado, isto é, cada jogador baterá com o sapato na frente do colega da direita, mas não o deixará ali, voltando a bater com o sapato, durante o segundo zig, no chão, a

sua frente, e só então, finalmente, durante o z<sup>á</sup>, deixará o sapato na frente do colega ao lado, como mostra a “acentuação” da canção abaixo:

**Escravo de Jô**

**Jogavam caxangá**

**Tira, põe, deixa ficar**

**Guerreiros com guerreiros**

Fazem **zig** (batem com o sapato no chão, à frente do colega da direita, sem largá-lo ali), **zig** (batem com o sapato no chão, a sua frente, sem soltá-lo da mão), **z<sup>á</sup>** (batem com o sapato no chão, à gente do colega da direita, deixando-o ali).

**Avaliação coletiva e auto-avaliação:** as instruções foram seguidas por todos? Há dificuldade na realização da atividade? Por quê? Como cada um se sentiu durante a realização da atividade?

**Nota:** não há instruções durante o desenvolvimento da atividade.

5. Reflexão e finalização da aula. Refletiremos sobre os jogos trabalhados nas aulas anteriores. A participação dos alunos nas reflexões e nos jogos servirá como forma de avaliação dos mesmos.

## **5. RECURSOS**

1. Quadro magnético;
2. Pincel para quadro branco;
3. Sala ampla onde as carteiras serão dispostas nas laterais, permitindo um amplo espaço no centro.

### **Plano da Oficina N°.04**

#### **1. IDENTIFICAÇÃO**

- Oficina 04;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes;

- Disciplina: Arte;
- Ano: 5º “A”
- Dia: 29 – 10 – 2012.
- Horário: 10h e 15min às 12h e 15min.
- Quantidade de Alunos:

## **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

1. Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda;
2. Conduzir os educando a atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas;
3. Conduzir os educandos a descobrirem ou redescobrirem o prazer de participar dos jogos teatrais e das cantigas de roda.

## **3. CONTEÚDO / TEMAS**

1. Observação de gestos, sonoridades, espaços e ambientes na vida cotidiana dos alunos;
2. Como transformar a experiência vivenciada nos jogos teatrais em ações diferenciadas no cotidiano.

## **4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO**

1. Aplicar novos jogos teatrais e cantigas de roda com os educandos do 5º ano “A”. **40’**

❖ **BOCA-DE-FORNO – JAPIASSU, 2001, p.104.**

**Precondição:** plateia de jogadores.

**Foco:** mostrar a ação determinada pelo professor, mantendo as regras originais da atividade lúdica.

**Descrição:** dividi-se o grupo em grandes equipes. Defini-se a ordem de apresentação das equipes na área de jogo. A equipe na área de jogo posiciona-se voltada para o (a) professor (a), que se encontra junto ao grupo de observadores. Equipe e professor (a) interagem verbalmente por uma espécie de “conto antifonal”, descrito a seguir. Ao

fim do canto antifonal, o (a) professor (a) determina uma ação. Todos os membros da equipe devem mostrá-la e continuar desenvolvendo-a até que o (a) professor (a), quando achar conveniente, reinicie o “canto antifonal” – que interrompe a ação teatralizada e prepara a equipe para novo desafio.

**Estrutura antifonal que instala o jogo:**

**Solista:** Boca de forno?!

**Coro:** Forno!

**Solista:** Tirar um bolo?!

**Coro:** Bolo!

**Solista:** Não fazer tudo que o mestre mandar?!

**Coro:** Tudo!

**Solista:** Então todo mundo... (Determina uma ação do tipo “fritar ovo!”, “olhar vitrines num shopping!” etc.)

**Instrução do (a) professor (a) durante a atividade da equipe na área de jogo:**

tente manter-se desenvolvendo a ação até que seja feita a nova chamada para a boca do forno! Procure deixar que os observadores vejam o que você está fazendo! Só quando a nova chamada para a boca do forno for feita é que vocês deixam de fazer a ação!

**Regra opcional:** pedem-se as duas equipes que se posicionem na área do jogo. As equipes posicionam-se voltadas uma para a outra. Define-se por sorteio a equipe que será “mestre”. Os participantes da equipe-mestre, um após o outro e sem definição de uma sequência prévia, determinam as ações a serem mostradas instantaneamente pelos jogadores da equipe-coro. Todos os participantes da equipe-mestre devem ter oportunidade de sugerir alguma ação para ser mostrada pelos membros da equipe oposta.

**Avaliação coletiva e auto-avaliação:** todos os jogadores mostraram as ações de forma semelhante? O que é necessário para mostrar uma ação sem usar as palavras?

Há diferença entre usar palavras para descrever uma ação e mostrá-la sem palavras, com o corpo? Qual / Quais?

**Sugestões de ações para esta atividade:**

1. Segurar um ovo cozido bem quente;
2. Entrar na casa do vampiro;
3. Ir atrasado para um compromisso;
4. Assistir a um jogo da seleção brasileira numa final de Copa do Mundo;
5. Lavar pratos;
6. Varrer a casa;
7. Arrumar a cama depois de acordar;
8. Escovar os dentes;
9. Com vontade de fazer xixi sem poder;
10. Comer chocolate escondido;
11. Comer maçã do amor;
12. Fritar ovos;
13. Caminhar na rua no momento de uma ventania.

**Nota:** quando a turma for muito grande, é aconselhável que o (a) professor (a) prepare com antecedência uma lista das ações a serem propostas às equipes, para que não seja preciso repeti-las frequentemente nem sofrer o constrangimento de não lhe passar pela cabeça nenhuma sugestão interessante.

5. Reflexão, avaliação e término da aula. Refletiremos sobre os jogos trabalhados na aula. A participação dos educando nas reflexões e nos jogos servirão como forma de avaliação dos mesmos. 10'

❖ **Mestre André – ABREU, 2007, p. 48.**

Foi na loja do Mestre André

Que eu comprei um pianinho

Plim, plim, plim um pianinho

Ai ai olé

Foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André

Que eu comprei um violão

Dão dão dão um violão

Plim plim plim um pianinho

Ai, ai olé

Foi na loja do Mestre André.

Foi na loja do Mestre André

Que eu comprei uma flautinha

Fla fla fal uma flautinha

Dão, dão dão um violão,

Plim plim plim um pianinho

Ai, ai olé

Foi na loja do Mestre André.

## **5. RECURSOS**

4. Ficha contendo as instruções dos jogos teatrais a serem aplicados;
5. Quadro magnético;
6. Pincel para quadro branco;

7. Sala ampla onde as carteiras serão dispostas nas laterais, permitindo um amplo espaço no centro.

## **Plano da Oficina N° . 05**

### **1. IDENTIFICAÇÃO**

- Oficina 05;
- Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes;
- Disciplina: Arte;
- Ano: 5°
- Dia: 31 – 10 – 2012.
- Horário: 10h e 15min às 12h e 15min.
- Quantidade de Alunos:

### **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

1. Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda;
2. Conduzir os educando a atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas;
3. Conduzir os educandos a descobrirem ou redescobrirem o prazer de participar dos jogos teatrais e das cantigas de roda.

### **3. CONTEÚDO / TEMAS**

1. Observação de gestos, sonoridades, espaços e ambientes na vida cotidiana dos alunos;
2. Como transformar a experiência vivenciada nos jogos teatrais em ações diferenciadas no cotidiano.

### **4. ESTRATÉGIAS DE ENSINO**

1. Aplicar jogos teatrais e cantigas de roda com os educandos do 5° ano “A”. **1h’**

2. Reflexão, avaliação e término da oficina. Refletiremos sobre os jogos trabalhados na aula. A participação dos educando nas reflexões e nos jogos servirão como forma de avaliação dos mesmos. 10’

❖ **Engrenagem viva – JAPIASSU, 2001, p. 135.**

*Precondição:* plateia de jogadores.

*Foco:* ser parte de uma engrenagem.

*Descrição:* dividi-se o grupo em equipes. Define-se a ordem de apresentação das equipes na área de jogo. Esclarece-se que os participantes deverão construir uma engrenagem com seus corpos. Cada um dos jogadores será uma “peça” dessa engrenagem. Cada “peça” deverá produzir um determinado movimento acompanhado de som. Defini-se por sorteio o jogador que iniciará a “engrenagem”. O participante que dará início ao jogo se posiciona no centro da área de jogo e produz um movimento qualquer acompanhado de som, e repete-o ininterruptamente. Os outros jogadores vão, um a um, “encaixando-se” na “engrenagem” como “peça”. Cada participante que se encaixa na “engrenagem” cria um novo movimento acompanhado de som, repetindo-o ininterruptamente. Quando o último participante se juntar aos demais, estará completa a engrenagem – que deverá fazer um barulho muito grande, por causa dos diferentes sons de cada uma de suas peças. O(a) professor(a) então solicita ao grupo que faça com que a engrenagem se desloque pelo espaço.

*Instrução do(a) professor(a) durante a atividade da equipe na área do jogo:* não precisa ter pressa para entrar na engrenagem! Procure manter o movimento e o som que você criou! Tente se encaixar na engrenagem fazendo um movimento acoplado a um som qualquer! (Após a engrenagem pronta.) Tente fazer com que a engrenagem se mova pela área de jogo! Procurem levar a engrenagem a se deslocar pela área de jogo, mantendo os movimentos e sons que vocês criaram!

*Avaliação:* os jogadores mantiveram os seus movimentos e sons? As peças da engrenagem pareciam se encaixar um nas outras? A engrenagem se movia pela área de jogo sem se desmantelar?

❖ **Carneirinho, carneirão – FERREIRA, 97, p. 28.**

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão



Olha pro céu; olhai pro chão, pro chão, pro chão

Manda Deus nosso Senhor, Senhor, Senhor

Para todos se ajoelharem.

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão

Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão

Manda Deus nosso senhor, Senhor, Senhor

Para todos se levantarem.

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão

Olha pro céu; olhai pro chão, pro chão, pro chão

Manda Deus nosso Senhor, Senhor, Senhor

Para todos se abraçarem.

**Instruções:** As crianças formam uma roda e uma delas é escolhida para ficar no centro. Esta,deverá comandar os gestos que encenam a canção, como olhar para o céu, olhar para o chão. Na primeira estrofe todas as crianças ficam em pé até ouvirem o comando para se ajoelhar. Então a canção continua com as crianças ajoelhadas até que na segunda estrofe respondam o comando para se levantar. Na última estrofe cada criança abraça o colega ao lado. Quem estiver no centro da roda abraça aquele que será seu substituto na brincadeira.



**ACADÊMICO: FLORÊNCIO VALAMIRA FERNANDES NETO**

**DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**QUESTIONÁRIO PARA AS PROFESSORAS**

**1. Há quanto tempo você atua no Ensino Fundamental I com a Disciplina Artes?**

1 a 5 anos;

6 a 10 anos;

11 a 15 anos;

16 a 20 anos;

20 anos ou mais.

**2. Qual é a sua formação específica? Você tem alguma formação na área de Artes?**

---

---

**3. Faça uma avaliação sucinta do trabalho que você desenvolve com os educandos no âmbito da escola na disciplina Artes?**

---

---

---

---

**4. Caracterize, em poucas palavras, o envolvimento e a participação dos educandos na disciplina Artes.**

---

---

---

---

**5. Você acha que o trabalho com jogos teatrais pode ser útil para a formação dos seus educando? ( ) Sim. ( ) Não. Por quê?**

---

---

---

---

**6. Você acha que o trabalho com cantigas de roda pode ser útil para a formação dos seus educando? ( ) Sim. ( ) Não. Por quê?**

---

---

---

---

**7. Você faz cantigas de roda com os seus educandos? Em caso positivo, cite algumas delas.**

---

---

---

**8. Você faz jogos teatrais com os seus educandos? Em caso positivo, cite alguns deles.**

---

---

---

**9. Quais são os maiores desafios encontrados por você para o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina Artes?**

---

---

---

---



**ACADÊMICO: FLORÊNCIO VALAMIRA FERNANDES NETO**

**DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

### **QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCANDOS**

**1. O que você acha das atividades que você desenvolve, normalmente, na disciplina de Artes?**

---

---

---

---

---

**2. Você já participou de alguma atividade voltada para o teatro ou para as cantigas de roda em sua escola?**

**( ) Sim.**

**( ) Não.**

**( ) Sim, mas não me lembro quais.**

**Caso você tenha participado, e se lembre, escreva quais.**

---

---

---

---

---

**3. Como você se sentiu realizando os jogos teatrais em nossa oficina? Por quê?**

---

---

---

---

---

**4. Como você se sentiu quando realizamos as cantigas de roda em nossa oficina? Por quê?**

---

---

---

---

---

**5. Para você, quais são as semelhanças entre os jogos teatrais e as cantigas de roda?**

---

---

---

---

---

**6. Para você, quais são as diferenças entre os jogos teatrais e as cantigas de roda?**

---

---

---

---

---

**ANEXO B – Relatório das Oficinas Aplicadas com a turma do 5º Ano “A”.**

Instituto de Artes

Departamento de Artes Cênicas

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Centro de Educação Permanente** – Polo de Sena Madureira Acre

**Acadêmico:** Florêncio Valamira Fernandes Neto

**Professor:** Cesar Lignelli

**Professora Orientadora:** Sulian Vieira Pacheco

**Tutora Online:** Angélica Beatriz de Souza

**Tutora Presencial:** Maria Itamar Isídio de Almeida

**Atividade:** Relatório da Primeira Oficina

Aos dias vinte e quatro de outubro de dois mil e doze, apliquei a primeira oficina destinada a constatar a importância das linguagens artísticas – jogos teatrais e cantigas de roda – no ambiente escolar, tendo como foco principal, o trabalho com a arte cênica.

Esta oficina teve como objetivos identificar os jogos teatrais e as cantigas de roda como linguagens artísticas que conduzem ao desenvolvimento pessoal; extrair dos educandos exemplos de jogos teatrais e cantigas de roda; conduzir os educandos a respeitarem a opinião expressa por seus colegas e aplicar jogos teatrais e cantigas de roda com a turma do 5º Ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes.

No primeiro momento utilizei como estratégias de ensino a dinâmica de apresentação onde os educandos se apresentavam dizendo seu nome, sua idade e falava um pouco sobre as atividades que gosta de fazer durante o dia. Após a apresentação dos alunos, o concludente do curso de graduação em Arte Cênica pela Universidade de Brasília, Florêncio Valamira Fernandes Neto apresentou-se à turma e falou um pouco sobre sua vida e respondeu as perguntas realizadas pelos educandos.

Concluída a dinâmica de apresentação, foi apresentado aos educandos o plano da oficina, o qual foi planejado para ser aplicado com a turma. Em seguida realizei a escolha de quatro educandos que seriam os responsáveis em elaborar os protocolos referentes aos jogos e

as cantigas aplicadas nesta oficina. Expliquei a eles que os protocolos era um tipo de relatório que eles iriam registrar sua opinião sobre o trabalho realizado.

Dando continuidade aos trabalhos, foi realizada uma sondagem com o objetivo de verificar os conhecimentos prévios dos educandos em relação ao assunto a ser trabalhado nas oficinas. Após a sondagem, os educandos foram divididos em cinco grupos e realizaram uma conversa para descobrir os jogos e as cantigas que eles conheciam e, em seguida apresentaram sua lista a turma. Percebi que eles têm mais familiaridade com as cantigas de roda do que com os jogos teatrais. Isso reforçou meu pensamento de que a escola selecionada, pouco trabalha esta linguagem artística como conteúdo curricular.

Após a conclusão da primeira etapa da oficina, expliquei aos educandos que aplicaria o jogo teatral denominado “Jogo da Bola”, o qual se encontrava no Fichário de Viola Spolin. Foram realizadas as orientações sobre a dinâmica desse jogo e, a turma foi dividida em dois grupos, sendo grupo “A” e grupo “B”.

Com o objetivo de verificar qual dos dois grupos iniciaria o jogo, foi realizado um sorteio e, o grupo “B” foi o sorteado para adentrar na área de jogo, onde determinamos que fosse o centro da sala. Pedi que eles decidissem qual o tipo de bola eles queriam jogar. A bola é imaginária, construída de substâncias contidas no espaço. Foram várias as instruções transmitidas aos educandos, porém, sempre frisando que a bola precisaria sair de sua imaginação e fazer parte do espaço. Eles decidiram brincar com uma bola de voleibol, expliquei a eles que antes de jogar a bola, deveriam dizer o nome do colega para quem iria passar a bola.

No início do jogo eles estavam bastante preocupados em como realizariam os movimentos para jogar e pegar a bola. Com o decorrer do jogo, eles foram entrando na dinâmica dos jogos teatrais e envolvendo-se cada vez mais. Terminado os trabalhos com o grupo “B”, foi convidado o grupo “A” para adentrar na área de jogo. Este grupo decidiu utilizar uma bola de basquete. Após sanarmos as dúvidas de como realizar o jogo, foi dado o comando para o início da atividade. Este grupo ficou mais envolvido com o jogo e com isso, decidi dificultar o jogo, mudando a velocidade da bola. Às vezes ela estava muito lenta ou ganhava velocidade a qualquer momento. Com estes comandos o jogo ficou mais dinâmico.

Quando fomos realizar a avaliação sobre a atividade, os educandos falaram que gostaram bastante, porém, alguns colegas não conseguiram visualizar e sentir a bola. A aluna Natacha falou que não gostou do jogo pelo fato de que a bola não passou por suas mãos. Neste momento, perguntei a eles quais foram as orientações transmitidas à turma e, eles

falaram que a bola deveria passar por todos os jogadores que estavam na área de jogo, com isso, precisaria da atenção de todos os jogadores para não ficar jogando a bola para uma mesma pessoa várias vezes, pois, quem está na área de jogo precisa ser envolvido na atividade.

A terceira etapa da oficina foi aplicada a cantiga de roda “A Canoa Virou” e, com os mesmos grupos da atividade anterior, apliquei esta cantiga. Ela tem como principal objetivo envolver todos os educandos na atividade. Pois, segundo Marielese Ferreira, com a aplicação desta cantiga “a criança aprende a seguir as regras, aguardando a sua vez de movimentar-se. Além disso, esta brincadeira promove a apresentação dos alunos entre si, que ao cantar o nome dos colegas, o gravarão” (p.11). Penso que, mesmo sem ter planejado no jogo anterior ficar algum educando sem participar do jogo, esta cantiga veio conduzir os mesmos a refletirem o quanto se faz necessária a integração de todos ao grupo.

Na avaliação que o grupo realizou, eles falaram que gostaram bastante, pois envolveu todos os membros dos grupos e, trabalhou a expressão corporal, tendo em vista que quando o peixinho está nadando, nós precisamos imaginar a maneira que ele nada e, externalizar os movimentos. Porém, conclui a oficina preocupado, pois o aluno Jordan não quis participar desta atividade. Perguntei a ele qual o motivo e o mesmo disse que não queria. Conversei com a professora Socorro Henrique e ela relatou-me que ele quer ser o centro das atenções, tendo em vista que é filho da gestora da escola. Falei para ela que iria tratar a todos com igualdade. Portanto, penso que os objetivos desta oficina foram alcançados, tendo em vista que a grande maioria estava empenhado em dar vida cênica ao jogo, como também à cantiga.





Instituto de Artes

Departamento de Artes Cênicas

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Centro de Educação Permanente** – Polo de Sena Madureira Acre

**Acadêmico:** Florêncio Valamira Fernandes Neto

**Professor:** Cesar Lignelli

**Professora Orientadora:** Sulian Vieira Pacheco

**Tutora Online:** Angélica Beatriz de Souza

**Tutora Presencial:** Maria Itamar Isídio de Almeida

**Atividade:** Relatório da Segunda Oficina

Aos vinte e cinco dias do mês de outubro, apliquei a segunda oficina com os educandos do 5º Ano “A”. A mesma foi iniciada com a apresentação de três alunos que não estavam presentes na primeira oficina. Após a apresentação, os educandos Solano, Ana Karoline, Ney Gabriel e Jarderson apresentaram os protocolos referentes às atividades realizadas na primeira oficina.

Concluída a apresentação dos protocolos, apresentei aos educandos o plano da segunda oficina. relatei aos mesmos que no primeiro momento seria aplicado o jogo “Construindo uma história”. Transmiti a eles as instruções de como o jogo deveria acontecer. Informei que a história que seria elaborada por cada grupo deveria ter início, meio e fim. Sendo assim, os fatos narrados por eles precisavam ser encadeados. Orientei a turma que eles precisavam ter atenção com as frases elaboradas, para assim, não quebrar a conexão entre os fatos ou a história ser concluída antes de todos os componentes do grupo ter participado.

Antes dos grupos apresentarem suas histórias, fizemos um ensaio com uma história conhecida dos grupos. As histórias apresentadas foram: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e A Bela Adormecida. Este momento foi bastante significativo, pois, os educandos assimilaram a dinâmica do jogo. Os três grupos tiveram dificuldade em dar continuidade aos fatos, porém, após a segunda tentativa, cada um dos grupos conseguiu apresentar sua história.

Após a apresentação dos três grupos na área de jogo, realizei a auto avaliação e, os educandos relataram que uma das dificuldades apresentadas no momento do jogo era a falta de concentração dos membros dos grupos. Porém, com as instruções proferidas pelo professor Florêncio, eles conseguiram se envolver na dinâmica do jogo. O educando Jordan Sales disse que gostou do jogo “Construindo uma História” pelo fato desta atividade trabalhar de forma coletiva. O educando Jerdeson falou que também gostou do jogo, pois, ajuda aos participantes manterem a concentração. Já o educando João Paulo disse que gostou do jogo pelo fato de as pessoas que são tímidas podem melhorar o relacionamento com os colegas, assim, trabalha a oralidade. A educanda Victória disse que este jogo foi bastante legal, pois oportuniza a todos participarem.

A segunda etapa da oficina foi trabalhada a cantiga “Pai Francisco”. O primeiro grupo foi convidado a entrar na área de jogo e, foi explicado a todos que deveriam dar vida cênica à cantiga. Dessa forma, perguntei quem gostaria de ser o Pai Francisco e o educando Jordan Sales disse que gostaria. Este fato para mim foi bastante produtivo, pois, na primeira oficina ele não quis se envolver com esta linguagem artística. Todos os grupos estavam bastante empenhados em buscar fazer da melhor forma possível as ações propostas pela cantiga.

No momento que estávamos realizando a avaliação dessa atividade, o educando João Paulo falou que gostou muito desse momento, pois, como ele é bastante tímido e, vendo o envolvimento dos colegas com a cantiga de roda, ele também foi contagiado pela dinâmica da atividade.

No geral, todos os educandos gostaram da oficina, somente a educanda Rizioneide falou que não havia gostado muito porque não houve tempo para que ela pudesse ser “delegada”, o sinal tocou e o professor precisava fazer a avaliação final da oficina.

Portanto, penso que os objetivos: aplicar jogos teatrais e cantigas de roda; conduzir os educandos a atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas de roda e conduzir os mesmos a descobrirem ou redescobrirem o prazer de participar dos jogos teatrais e das cantigas de roda, foram alcançados, tendo em vista o envolvimento de cada educando nas atividades aplicadas.



Instituto de Artes

Departamento de Artes Cênicas

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Centro de Educação Permanente** – Polo de Sena Madureira Acre

**Acadêmico:** Florêncio Valamira Fernandes Neto

**Professor:** Cesar Lignelli

**Professora Orientadora:** Sulian Vieira Pacheco

**Tutora Online:** Angélica Beatriz de Souza

**Tutora Presencial:** Maria Itamar Isídio de Almeida

**Atividade:** Relatório da Terceira Oficina

Aos vinte e seis dias de outubro do ano de dois mil de doze, apliquei a terceira oficina com a turma do 5º Ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes. A mesma tinha como objetivos identificar os benefícios da utilização dos jogos teatrais e das cantigas de roda no ambiente escolar, aplicar jogos teatrais moderados e cantigas de roda que oportunizem a participação ativa dos educandos e oportunizar aos educandos atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas de roda.

A oficina iniciou com a leitura dos protocolos elaborados pelos educandos: Natacha Nascimento, Victória Beatriz, André Luiz e Josias Tidres. Todos eles relataram que esta oficina foi bastante “legal”. Aprenderam que a improvisação é fundamental para que os jogos e as cantigas aconteçam de forma criativa e envolvente.

Após as apresentações dos protocolos, a turma foi dividida em três grupos e, expliquei a eles que neste momento será aplicado o jogo teatral “Espelho Meu”. Informei a eles que formassem duplas e decidissem quem seria o jogador espelho e o espelhado. Foi um jogo bastante intenso e que envolveu os educandos bastante na dinâmica do jogo. Penso que isso tenha acontecido pelo fato dos educandos necessitarem fazer uso da improvisação, haja vista, que eles não sabiam quais ações o jogador que iria ser espelhado iria desenvolver.

Concluída a realização do jogo “Espelho Meu”, foi aplicado o jogo “Escravo de Jó”. A turma foi dividida em dois grupos, sendo “A” e “B”. Realizei um sorteio para decidir qual dos dois grupos iria participar primeiro deste jogo. No momento do sorteio, o grupo “B” foi sorteado para adentrar na área de jogo.

Solicitei que eles fizessem um círculo e sentassem no chão e, em seguida colocassem um pé de seus calçados em sua frente. Em seguida colocassem um pé de seus calçados em sua frente. Em seguida realizei um ensaio da canção. A mesma foi escrita no quadro magnético, dando destaque aos pontos da canção onde os educandos necessitavam passar o sapato ou sandália para seu colega que estavam sentados ao seu lado direito.

Este jogo conduziu os educandos a estarem bastante concentrados aos momentos de passar o sapato ou sandália para seu colega. Eles tiveram bastante dificuldade nos primeiros momentos do jogo e, com o passar do tempo eles conseguiram pegar o ritmo.

Concluída o jogo com os dois grupos, propus a eles que faríamos a mesma atividade, porém, não usaríamos mais os sapatos ou sandálias, mas sim, cada educando seria uma peça que girava na área de jogo. Neste momento a professora Socorro Henrique decidiu participar do jogo e interagir com a turma.

Portanto, a avaliação que os educandos realizaram foi que, através deste jogo nós aprendemos que a coordenação motora se faz necessária para que o jogo possa fluir. Percebi que este jogo possui um grau de dificuldade maior, principalmente no momento em que se canta “fazem zig, zig, zá”, pois, é através desta frase que eles iram passar, voltar e passar novamente seus sapatos ou sandálias.



Instituto de Artes

Departamento de Artes Cênicas

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Centro de Educação Permanente** – Polo de Sena Madureira Acre

**Acadêmico:** Florêncio Valamira Fernandes Neto

**Professor:** Cesar Lignelli

**Professora Orientadora:** Sulian Vieira Pacheco

**Tutora Online:** Angélica Beatriz de Souza

**Tutora Presencial:** Maria Itamar Isídio de Almeida

**Atividade:** Relatório da Quarta Oficina

Aos dias vinte e nove de novembro de dois mil e doze, a partir das 10h e 15min, apliquei a quarta oficina com os educandos da Escola Municipal de Ensino Fundamental i Siqueira de Menezes. Esta oficina teve como objetivos aplicar jogos teatrais e cantigas de roda; conduzir os educandos a atuarem de acordo com as regras expostas pelos jogos teatrais e pelas cantigas de roda e descobrir ou redescobrirem o prazer de participar dos jogos teatrais e das cantigas de roda.

Foram trabalhados os conteúdos observação de gestos, sonoridade, espaço e ambientes na vida cotidiana dos educandos e como transformar a experiência vivenciada nos Jogos Teatrais e nas Cantigas de Roda em ações diferenciadas no cotidiano. Penso que pelo comportamento da maioria dos educandos no momento da aplicação das linguagens artísticas planejadas para esta oficina, eles assimilaram os conteúdos, porém, alguns educandos com um nível mais elevado do que outros.

A turma foi dividida em dois grupos e, solicitei aos educandos que produzissem uma lista de ações para ser desenvolvida pelos colegas do outro grupo. Após o tempo determinado para a listagem das ações, foi realizado um sorteio para verificar qual o primeiro grupo que entraria na área de jogo. O grupo “A” foi sorteado para iniciar o jogo. E, em seguida o grupo “B” desenvolveu as ações listadas pelo grupo “A”. Percebi que os dois grupos escolheram ações que deixavam os colegas envergonhados e que essas ações pouco os conduziam a uma concentração e poucos educandos se empenharam em desenvolver as ações que os solistas determinavam.

Após as apresentações, conduzi os educandos a avaliarem os trabalhos realizados pelos grupos. Eles falaram que “o jogo não tinha sido legal pelo fato das ações escolhidas pelos colegas os constrangia”, uma das ações solicitadas era “um homem dançando balé”. Percebi que existia um início de preconceito com relação a profissão de bailarino, penso que eles relacionam muito esta profissão a opção sexual.

Concluída a reflexão da turma sobre o jogo, propus a eles que aplicaria novamente o jogo “Boca de Forno”, porém, desta vez eu iria determinar as ações a serem desenvolvidas por cada grupo. As ações foram: assistir um jogo da seleção brasileira numa final de copa do mundo; arrumar a cama depois de acordar; escovar os dentes; está com vontade de fazer xixi sem poder; comer maçã do amor e fritar ovos. Cada um dos dois grupos desenvolveu três ações relacionadas anteriormente.

Desta vez percebi que os educandos conseguiram buscar desenvolver as ações que eram solicitadas pelo solista. Portanto, quando realizamos a avaliação final da oficina, os educandos relataram que com as propostas de ações listadas por mim foi possível vivenciar com mais clareza e empenho as propostas de ações que o solista determinava.



Instituto de Artes

Departamento de Artes Cênicas

**Disciplina:** Trabalho de Conclusão de Curso

**Centro de Educação Permanente** – Polo de Sena Madureira Acre

**Acadêmico:** Florêncio Valamira Fernandes Neto

**Professor:** Cesar Lignelli

**Professora Orientadora:** Sulian Vieira Pacheco

**Tutora Online:** Angélica Beatriz de Souza

**Tutora Presencial:** Maria Itamar Isídio de Almeida

**Atividade:** Relatório da Quinta Oficina

Aos seis dias do mês de novembro de dois mil e doze, apliquei minha quinta e última oficina com os educandos do 5º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes. Iniciei a mesma a partir da 8h e 30min como havia combinado anteriormente com as educadoras Maria do Socorro Henrique dos Santos e Edicilda Alencar. No primeiro momento os educandos Sabrine, Nair, Ana Karem, Luiza e Leandro fizeram a leitura dos protocolos referentes à quarta oficina. Segundo eles, tanto o Jogo Teatral “Boca de Forno”, como também a Cantiga de Roda “Mestre André” foi muito legal, tendo em vista que houve muita dedicação por parte dos colegas em buscar dar verdade cênica ao jogo e cantiga. Segundo a educanda Luiza, os jogos teatrais e as cantigas de roda fazem com que cada membro do grupo que participa, busque o envolvimento nas ações, pois, “nos primeiros dias fiquei com vergonha de participar”, contudo, “o professor Valamira sempre muito bem humorado, traz muitas brincadeiras e cantigas de roda. Alguns dos meus colegas ficaram com raiva porque não participaram, mais também gostaram das outras brincadeiras” (LUIZA 2012).

Com a visão bastante positiva da educanda Luiza sobre o trabalho que eu estava desenvolvendo com a turma, percebi que o Jogo Teatral “Engrenagem Viva” apresentou aos mesmos em seu primeiro momento, um grau de dificuldade bastante elevado, porém, com as instruções realizadas, eles foram percebendo que deveriam entrar no jogo, pois, quanto mais demoravam em participar da atividade, seu colega se desgastava. Com isso, cada vez que

aplicava o jogo “Engrenagem Viva”, os grupos conseguiam perceber a necessidade de ajudar o colega a montar a engrenagem,

Após realizarmos várias vezes a aplicação do jogo “Engrenagem Viva” com os dois grupos, realizei a avaliação com a turma. Alguns educandos relataram que tiveram dificuldade de participar do jogo no primeiro momento, porém, com a observação que realizava dos colegas participando e percebendo a animação daqueles que estavam participa, eles foram estimulados a entrar no jogo. Os educandos falaram que apesar de ficarem com vergonha de participar, gostaram bastante desta atividade, pois, através do jogo “Engrenagem Viva” eles descobriram que precisam trabalhar de forma coletiva, assim, tornam-se fortes.

Concluída a avaliação, expliquei aos educandos que eles respondessem a um questionário que havia elaborado, com o propósito de descobrir a visão que eles tiveram das oficinas aplicadas. Buscando ainda colher informações sobre a visão que cada um tem sobre o trabalho desenvolvido normalmente pela escola.

Ao termino do preenchimento do questionário, expliquei para os educandos que aplicaria com eles a cantiga de roda “Carneirinho Carneirão”, porém, antes de começar a aplicação da mesma, realizei um ensaio com o propósito de que eles memorizassem a letra da cantiga. Questionei com a classe o que podemos aprender com esta cantiga. Os educandos relataram que podem aprender a obedecer a regras, melhorar o relacionamento dos participantes e também ajuda a refletir sobre a oração. Nesse momento o aluno Antônio (nome fictício), que frequenta uma igreja protestante disse que “os católicos não oram, apenas repetem as palavras a uma tal de Ave Maria”. Percebi que havia um início de conflito de credo instalado entre os educandos e, expliquei a eles que independente da minha opção religiosa, precisa haver o respeito entre os credos, pois, nós somos livres para escolher qual religião queremos seguir.

Por fim, apliquei a cantiga com a turma e, para minha surpresa, todos os educandos participaram ativamente, buscando dar verdade cênica as expressões existentes na cantiga. Dessa forma, concluí minhas oficinas agradecendo a turma pela colaboração e empenho nas atividades propostas por mim e que eles buscassem está sempre fazendo uso dos conteúdos que haviam aprendido com as aulas de arte cênica.



**ANEXO C – Autorização dos Pais ou Responsáveis pela divulgação de imagens e depoimentos.**



Eu, Florêncio Valamira Fernandes Neto, concludente do Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade de Brasília – UaB / UnB, venho por meio deste, solicitar aos senhores pais ou responsáveis dos educandos matriculados no 5º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental I Siqueira de Menezes, a autorização de imagens e depoimentos dos referidos educandos desta Instituição de Ensino, para vincular ao meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

<b>NOME DOS EDUCANDOS</b>	<b>ASSINATURA DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS</b>
Anna Karoliny Brito de Lima	
Ana Karen dos Santos Almeida	
André Luis Silva da Costa	
Beatriz da Silva Pinheiro	
Carlos Educardo Santos Paula	
Débora Lima Cameli	
Daniel Lima de Oliveira	
Gabriel de Lima Chaves	
Jordan Edson Souza Sales	
Jhonatan Oliveira Mendes	
João Paulo Silva dos Santos	
Jerdeson Firmino de Oliveira	
Josias Tidres Caceres	
Késsio de Oriar Sampaio	
Leandro Freitas de Paula	
Luiza Pimentel de Lima	
Márcio costa Silva	
Natacha Nascimento da Silva	
Nicole Silva do Nascimento	
Ney Gabriel Aguiar de Oliveira	
Nair Cristina Maciel da Cunha	
Polyana Brasil Sampaio	
Risoneide Souza da Silva	
Sabrine Braga Pereira	
Sólano Anute Furtado	
Samon Mendes da Silva	
Victória Beatriz Souza da Silva	
Karolinny da Silva Martins	

**ANEXO D – Evidências das Oficinas.**

Foto da Turma do 5º Ano “A”.



Carneirinho Carneirão.

Jogo Escravo de Jó.





Cantiga de Roda Pai Francisco.



Apresentação dos Protocolos



Foto da Turma com as Professoras Socorro e Edicilda.



Jogo da Bola



Jogo Espelho Meu





Construindo uma história.



A Canoa Virou.



Boca de Forno.



Engrenagem Viva.



### Jogo do Espelho



### Jogo Escravo de Jó





Engrenagem Viva



